CINEARTE

UMA SCENA DO FILM "BEIJOS A ESMO" DA M. G. M., COM NORMA SHEARER.

CINEARTE

A ESCOLA Superior de Agricultura e Veterinaria, creada e mantida pelo Estado de Minas, na cidade de Viçosa, vem-se recommendando á admiração geral pelo espirito pratico que orienta os seus methodos de ensino.

Escolas de agronomia ha muitos annos que já as possuimos no Brasil, inclusive uma aqui no Districto Federal que tem fabricado uma porção de doutores em agricultura, na sua grande maioria incapazes de differençar um pé de alpiste de um coqueiro baba de boi.

A escola federal creio até que não tem em sua congregação nem um technico. Medicos, bachareis em direito, engenheiros civis, pharmaceuticos, dentistas é que a constituem.

Por isso mesmo não é de admirar que os alumnos por ella diplomados em materia de plantas só conheçam os oitys que arborisam nossas praças e pouco mais.

Dahi seus mallogros na vida pratica.

A Escola de Viçosa foi buscar technicos onde os havia de verdade.

E esses technicos não se limitam, como a generalidade dos nossos professores, a papaguear as lições durante 40 minutos ou uma hora.

Nada disso.

As lições, por via de regra, são dadas no campo mesmo. Se se trata de plantio, os alumnos plantam.

Se se trata de enxertia, os alumnos executam-n'a.

O estudo das adubações é feito e acompanhado por todos.

Assim, theoria e pratica se conjugam e ao cabo do curso fornecem technicos de verdade, aptos a dirigir qualquer empresa agricola.

Não contente com isso, nas ferias escolares attrahe os fazendeiros de todo o Estado, hospeda-os e ensina-lhes os processos modernos de que elles ignoram até a existencia. Quer isso dizer que a Escola de Viçosa, que fornece ao mesmo tempo mudas de plantas uteis a quem as deseja, se tornou um apparelho efficientissimo de progresso para o Estado de Minas.

Este ha de lucrar e já tem lucrado com a cooperação da Escola de Viçosa na obra de progresso geral.

O Estado de Minas, porém, tem um territorio maior do que a França.

Povoam-n'o cerca de oito milhões de almas.

Quer isso dizer que esse trabalho que vem fazendo a Escola de Viçosa exerce sua influencia sobre uma insignificante minoria, irradia a sua projecção por um tracto quasi imponderavel desse vasto territorio.

Umas vinte escolas como a de Viçosa deveria haver espalhadas por todo elle, assim apparelhadas e orientadas.

A impossibilidade dessa multiplicação é manifesta, está a entrar pelos olhos.

Entretanto, e ahi é que queremos chegar, em casos como estes é que o Cinematographo pode fornecer um contingente precioso.

Essas lições dos mestres da Escola de Viçosa poderiam ser multiplicadas não vinte, mas cincoenta, cem vezes por intermedio do Film.

Nos Estados Unidos, como em varios paizes europeus os Films sobre assumptos agricolas já formam importantissimas collecções.

Nós precisariamos ir cuidando disso desde já.

Aos timidos ensaios até agora feitos e, em sua maioria, sem o menor espirito pratico, precisam succeder as realisações decisivas.

Fala-se muito em melhoria nos processos de cultura e preparo do café, nos cuidados que exige a citricultura, etc., etc. Isso tudo, porém, como ha de aprender o lavrador, isolado a centenas de leguas dos grandes centros de povoação?

Afinal de contas, para que é que existe esse nosso Ministerio da Agricultura?

A tela em

"Mulheres de todas as nações"

GENTE DE PESO -- (Reducing) — Film da M.G.M. — Producção de 1931.

Melhor do que *Castellos no ar*, sem duvida, mas assim mesmo dirigido com certa lentidão por Charles F. Riesner e muito dialogado demais. A acção ás vezes limita-se á explicação e graça dos dialogos, cousa já absolutamente contra á actual technica do Cinema falado destes dias.

Ha cousas realmente engraçadas e, dellas, a principal é Marie Dressler, uma artista de recursos amplos e admiravel de qualquer forma: dramatica, comica, etc. Esta vez Polly e Marie são irmãs e Polly tem a fortuna que falta totalmente a Marie. Ha as brigas de sempre e um trecho romantico e levissimamente sentimental com Anita Page, Sally Eilers, primas, boasinha a primeira e másinha, a segunda, em torno do coração de William Collier Jr. que ambas querem. William Bakewell é o premio de consolação para Anita e a reconciliação final é inevitavel.

Os trechos do trem, o primeiro dia de Marie no Instituto de Belleza, a descripção que Marie faz á filha, dos seus tempos de moça, com os roncos de Lucien Littlefield e alguns outros trechos, muito engraçados, realmente. Só elles valerão o preço da entrada. Mas ha ainda muito dialogo, repetimos e com isto prejudica o director o andamento normal do Film. Mas *Gente de Peso*, apesar disso, é bastante assistivel e apreciavel.

Marie e Polly, esplendidas, principalmente Marie. Anita Page, acceitando, sempre, qualquer papel que lhe dêm, linda e meiga como sempre é. Sally Eilers, mal photographada, peorada pelo papel antipathico que tem. William Collier Jr. e William Bakewell, bons. Lucien Littlefield, a tinta esplendida de sempre. Billy Naylor e Jay Ward, os garotos. O argumento é de Willard Mack e Beatrice Banyard e o scenario de Robert E. Hopkins e Zelda Sears. Leonard Smith operou.

Como complemento viu-se *Cabra Farrista*, uma comedia apenas sonora e um tanto ou quanto antiga com Stan Laurel e Oliver Hardy. Tem alguns bons momentos.

Cotação: — BOM.

MULHERES DE TODAS AS NAÇÕES — (Women of All Nation) — Film da Fox — Producção de 1931.

Mais um episodio do Film em serie mais importante que já fez até hoje: *Sangue por gloria*. Flagg e Quirt continuam brigando por causa de mulheres. Flagg continua sendo "tapeado" por Quirt. El Brendel continua sem graça e querendo ser Ted Mc Namara a força. Greta Nissen, Fifi Dorsay, Joyce Compton e muitas outras, são as "mulheres" de todas as Nações e Raoul Walsh continua dirigindo e Laurence Stallings e Maxwell Anderson escrevendo os argumentos.

Na verdade, considerando o gosto do publico, *Mulheres de todas as nações*, é um Film engraçado e acceitavel pela sua confecção normal. Victor Mc Laglen e Edmund Lowe são sympathicos, têm *fans* e merecem-nos. As pequenas, chefiadas por Greta Nissen são realmente lindas e os motivos continuam sendo os mais "apimentados" possiveis. Exclua-se, é logico, o que ha de "tesoura", ainda. Mas como Cinema e como obra de merito, não pode ser encarado. Ha um ligeiro motivo sentimental, com um judeu e Victor Mc Laglen, calcado em outros semelhantes de *Sangue por gloria* e *Mundo ás avessas* e varios outros que são os *gags* já são esperados, francamente e não causam aquelle inesperado que é o verdadeiro sabor da boa comedia.

Vão rir com aquelle negocio do "miau". Bela Lugosi, o apavorante *Dracula*, apparece miando tambem...

Raoul Walsh dirigiu á vontade e nada de mais conseguiu para seu credito. Não é obra que exija todo seu folego. O elenco conduz-se regularmente e Greta Nissen é realmente uma criatura que fazia falta ao Cinema que já andava saudoso della.

Vejam, mas não contem com cousa alguma extraordinaria.

Cotação: — BOM.

AMOR POR ONDAS CURTAS — (Remote Control) — Film da M.G.M. — Producção de 1930.

Film cheio de altos e baixos. Começou a dirigil-o Malcolm St. Clair. Depois Nick Grinde continuou e, agora, dão o Film como dirigido e produzido por Edward Sedgwick... Bem por isso é um Film ultra desigual. Disso resulta, logicamente, desorganização de producção e, consequentemente, enfraquecimento do Film.

William Haines é que salva o trabalho todo de um radical fracasso. Elle é sempre o mesmo moleque bem humorado que a todos diverte e captiva pela sua sympathia incomparavel. Neste Film, então, está mais moleque e mais atrevido do que nunca e se não se envolvesse por caprichos da historia e dos scenaristas, em melodrama policial, teria ainda se sahido melhor. Apesar de tudo, elle só vale o trabalho de ver o Film e dar algumas boas risadas, se bem que muito menos do que o numero normal dos seus Films antecedentes.

Mary Doran, desta vez é a heroina e pouco tem a fazer. Charles King apparece um pouco e canta outro tanto. Pobre heroe de *Broadway Melody*... John Miljan é o vilão de sempre. Polly Moran, figura indispensavel aos Films de William Haines, seu maior amigo, apparece numa ponta insignificante. J. C. Nugent, Eddie Nugent, Wilbur Mack, James Donlan e Roscoe Ates, figuram.

Vejam, mas desde já previnam-se que não vão assistir a nada de novo. Apenas uma regular comedia de linha.

Da peça de Clythe North, Albert C. Fuller e Jack T. Nelson, scenarizada por Sylvia Thalberg e Frank Butler.

Cotação: — REGULAR.

A CANÇÃO DO BERÇO — Film da Paramount — Producção de 1930.

E' um Film feito em Joinville, França, com artistas portuguezes e um director brasileiro ha varios annos residente em Paris: Alberto Cavalcanti. E' a versão portugueza de *Sarah and Son*, Film elogiadissimo pela critica americana e que teve, na sua versão original, Ruth Chatterton no papel que neste interpreta Corina Freire.

Começemos os nossos commentarios pelo elenco. Artistas de theatro, todos. Mal maquilhados, mal vestidos, sem fotogenia alguma e sem direcção, tambem. Os dois unicos brasileiros do elenco, são Alzira Gueta, uma criola que recita os dialos de cabeça baixa, lendo-os no chão, naturalmente e o criado da casa de campo de Raul de Carvalho...

Nestes ultimos annos, confessamos, o peor Film que vimos, até hoje, foi este. Alberto Cavalcanti justificou-se, na entrevista que concedeu ao nosso representante na Europa, Váz Tinoco, de quanto se lhe imputou por este trabalho. Disse que trabalhou contrariado, aborrecido e constrangido. Acceitamos esta hypothese, principalmente tomando em consideração que elle já fez outros Films e que estes, elogiadissimos pela critica européa, ainda não chegaram até nós. Mas o seu descuido é imperdoavel e ao me-

revista

nos a technica devia ter vindo certa. Isto é: o microphone não devia apparecer em scena, como apparece e as continuidades de acção não deviam, absolutamente, ser tão maltratadas. Quanto a isto, ainda que contrariado, Cavalcanti devia ter cuidado. E' um dever profissional que deixou de cumprir. Justamente o seu fracasso é que motivou o fracasso cabal de todo Film. Além disso prejudicou-se muito com o Film e desfez toda illusão em torno do seu nome. Ninguem quer saber se foi feito contra a vontade ou não. Sabem que foi elle quem dirigiu e isto já e o sufficiente.

Corina Freire, Alves da Costa, Raul de Carvalho, (Que collarinhos!), Esther Leão, Alexandre Azevedo, Fernanda de Souza, Antonio Sacramento, Guilherme Reis (o Jackie Coogan de Portugal...) e os dois brasileiros já citados, já tivemos occasião de assistir num Film. A elegancia dos artistas masculinos, a distincção das artistas e a linguagem incomprehensivel do garoto Guilherme Reis, são cousas que porão qualquer espectador prompto para o restante da semana, em questão de paciencia...

Aquelles que descrêm do Film feito no Brasil, devem assistir *Canção do Berço*, *Mulher que Ri* e *Minha noite de nupcias*. Estes Films da Paramount, feitos em Joinville, com o conforto maximo e com todos os recursos, são injustificavelmente ruims.

E' um Film que compromette Portugal, a Paramount e a estabilidade dos *fans*. Não o dizemos sózinhos. Varias revistas portuguezas nossas conhecidas já disseram o mesmo.

Ha a considerar, ainda, que sendo o nosso mercado maior do que o portuguez, não deviam ser 99% dos artistas portuguezes. Os dialogos, outrosim, não deviam ter tanta cor local, isto é, serem tão caracteristicamente portuguezes, fugindo, assim, á comprehensão de grande parte do nosso publico com palavras como *piugas*, *madraço*, *mandrião* e outras que são caracteristicamente lusitanas e que aqui não se conhecem e nem se empregam.

Cotação: — MEDIOCRE.

A DAMA QUE RI — Film da Paramount — Producção de 1930.

Segundo Film da serie que a Paramount fez. E' a versão portugueza de *A Republica* (The Laughing Lady), Film que, com Ruth Chatterton e Clive Brook, nos principaes papeis, inaugurou a temporada ingleza que o Imperio durante algum tempo sustentou. Lembram-se?

O Film original era esplendido e a direcção de Victor L. Schertzinger, um primor de agilidade e belleza. Este, feito em Joinville, é a negação do original. E' um pouco superior a *Canção do berço*, mas, assim mesmo, em Corine Freire, Raul de Carvalho, Alves da Costa, Antonio Sacramento, Alexandre Azevedo, Esther Leão (o mesmo elenco de *Canção do berço*) e no director Jorge Infante, encontrou fraco apoio e naufragou da mesma forma que o antecedente

Cotação: — FRACO.

MINHA NOITE DE NUPCIAS — Film da Paramount — Producção de 1930.

Não vimos aqui e nem veremos, naturalmente, o Film original que originou este, feito em Joinville e com elenco luso-brasileiro. Chamava-se, o mesmo, *Her Wedding Night* e tinha Clara Bow, Ralph Forbes e Skeets Gallagher nos primeiros papeis. Houve, antes desta versão falada, com Clara Bow, outra, ha annos, que era silenciosa e se chamou *Senhorita Barba Azul* e tinha Bebe Daniels, Robert Frazer, Kenneth Mac Kenna e Raymond Griffith como protagonistas. (Lembram-se da scena em que Raymond Griffith imitava o gato, no divan, para explicar a situação a Robert Frazer?...)

Este, em versão portugueza ao argumento de Avery Hopwood, teve a direcção de E. W. Emo, um allemão e a interpretação de Beatriz Costa, Alberto Reis, Estevão Amarante, Leopoldo Fróes, Mario Marano e outros. Mal orientados, fizeram theatro deante da *camera* e, mal dirigidos, theatro do peor.

Fróes, o consagrado Fróes dos palcos brasileiros e portuguezes, apresenta-se theatral e mau artista de Cinema. Além disso, a maquillagem é má. Estevão Amarante, Alberto Reis (e que tal a canção que ambos cantam naquelle vagão, aos soccos e pontapés?...) Beatriz Costa (mal photographada e mal apresentada, o Film todo), fazem o que lhes mandou fazer o director e sahem-se mal.

Este é o melhor da serie que a Paramount já exhibiu aqui: *Canção do berço*, *Mulher que ri* e este. Mas assim mesmo deiva muito a desejar.

Cotação: — REGULAR.

PRINCIPE SEM AMOR — (Hay que Casar al Principe) — Film da Fox — Producção de 1931.

O melhor Film de José Mojica aqui exhibido. Melhor, dizemos, porque tem mais Cinema, é menos theatral e mais photogenico, se bem que Mojica continue com todos os seus defeitos de bom artista de opera e mau artista de Cinema.

O argumento é o mesmo que serviu a George O'Brien e Virginia Valli para viverem *Paga para amar*, uma historia que, dizem, foi inspirada na vida do principe D. Manuel, de Portugal e a bailarina Gaby.

A direcção de Lew Seiler é geralmente boa e mais não podia ter feito, realmente, explorando um elenco onde figuram Mojica, Manuel Arbó e Miguel Ligero.

O Film ainda melhora com a presença de Conchita Montenegro. Esta é, verdadeiramente, uma figura extremamente linda e admiravelmente photogenica. Conchita ainda terá um nome formidavel no Cinema e pena é que se embrenhe pelo terreno ingrato das versões hespanholas. Ella devia aperfeiçoar o seu inglez, num supremo esforço e entregar-se ás versões originaes, onde terá occasião de se fazer *estrella* em bem curto espaço de tempo. Ella é meio Film e ha *close ups* seus muito felizes.

José Mojica continua afeminado, ridiculo em certas scenas e com a mesma excellente voz do costume. Canta expressivamente algumas canções e, isto, porque é da sua especializada profissão. No instante em que deixa de ser o cantor para ser o artista de Cinema, falha, sempre, invariavelmente.

Arbó e Ligero, ridiculos. Pode-se assistir, porque é producção bem cuidada

Cotação: — BOM.

SIGNAL DE FOGO — (Signal Fires) — Fred J. Balshofffer — (Prog. E.D.C.)

Outro film de "far west" com Fred Church. No genero, é uma fitinha acceitavel.

Fred tem melhor desempenho desta vez. Mais natural e tambem, um pouco mais desembaraçado. Kathryn Mc. Guire, ainda desta vez é a sua companheira. O resto é conhecido: pancadaria, correria de cavallos, perseguições, os crimniosos presos e o eterno epilogo... Direcção commum

Cotação: — FRACO.

A ILHA DO INFERNO — (Hell's Island) — Film da Columbia — Producção de 1930 — (Prog. Matarazzo).

Mais um argumento sobre as possessões francezas em Africa e tendo como principaes figuras, dois prisioneiros da Legião Estrangeira. A dupla Jack Holt-Ralph Graves, mais uma vez, rivaes e amigos, ao mesmo tempo, torna a tomar a attenção dos *fans*. Ha sempre uma mulher pela qual ambos brigam e ella, esta vez, é Dorothy Sebastian. A historia é boa e o scenario não é mau. Edward Sloman dirigiu bem e imprimiu vigor a varias sequencias, mesmo. Os dois principaes representam bem, sempre e Dorothy apparece pouco, mas faz bem o que lhe disse o director que fizesse. Boa photographia, boa direcção. Podem assistir que agradar-se-hão.

Cotação: — BOM.

"A dama que ri"

Celso Montenegro e Alda Rios.

MULHER

II

Capitulo

Ella sentia, nos idyllios das pequenas suas vizinhas, a felicidade que não tinha. A voz do seu companheiro, ao seu lado, os acordes do seu violão, tudo era um longinquo eco que seus pensamentos, muito distantes, mal ouviam. Ella pensava em Milton. Pensava em deixar aquella casa em que morava, para casar-se, ser feliz, partilhar o seu ardor com o ardor daquelle que fôra o primeiro a fazer despertar o amor em seu coração.

E sôaram dez horas... Nada do Milton! Impaciente, vendo que já se approximava a hora do padrasto recolher-se, pois cessava todo movimento da rua, despediu-se do aleixado, entrou.

Quando atirou o corpo sobre o leito, vinha mais desanimada do que nunca, mais saudosa do namorado do que jamais se sentira. Por que?... Interrogação que sempre vive na alma exquisita de toda mulher vibrante e amorosa como Carmen...

* * *

— Tu me esperas no Bosque.

— E que queres que toque?...

— Qualquer cousa, comtanto que não te esqueças daquella valsa...

— A da Maria do Catumby?...

— Que Maria?

— Ora, Milton! Aquella loira da semana passada...

— Não! Aquella que nós tocamos e depois você repetiu, mais tarde, quando eu me encontrei com aquella pequena, lá perto do salgueiro...

— Ah!... Lembro-me!... Está bem!

Separaram-se. Parceiros de malandragem, companheiros de noitadas de seducção e libertinagem, inimigos do trabalho e collegas em trapaças amorosas, deixaram-se. Milton ia para a casa de Carmen e o seu companheiro, violão debaixo do braço, esperal-o no local combinado para tocar, distante, a musica que auxiliaria o seu idyllio e a seducção com a qual contava envolver os bons sentimentos daquella morena...

Plena madrugada. A's primeiras pancadas, á janella, ella não accordou. Depois, alongando-se o rithmo do tamborilar sobre a madeira da persiana, ergueu-se. Afflita, perguntou quem era.

— E' o Milton, Carmen. Abra!

A voz vinha surda, abafada e quente como se fosse um convite satanico que, no emtanto, lhe fazia um bem intenso á alma... Passado o susto, ergue-se e foi abrir a janella.

— Está maluco! Que horas! Por que não veiu mais cedo?...

— Quero falar comtigo ali, perto do Cupido!

— Mas Milton... Você enloqueceu?... A estas horas?...

— Se não vieres, despertarei a todos, darei um escandalo!...

Ella relutou. Conhecendo a disposição do namorado, acceitou. Vestiu-se, sem um só ruidozinho fazer, enrolou-se no chale e, mais tenue do que a brisa fria que lá fóra soprava, passou pela porta do quarto do padrasto, vendo-lhe o resonar de besta cançada.

Lá fóra, tudo quiéto e só, foi envolvida pelos braços de Milton.

— Vem commigo ao Bosque!

— Milton!...

E elle insistiu e ella resistiu.

Tanto mais insistia, elle, quanto resistia, ella. Mas quando elle chegou seus labios proximos aos seus e ella sentiu-lhe o halito morno, gostoso e lhe ouviu as phrases mais delicadas e apaixonadas, não resistiu mais. Sentiu que uma nuvem exquisita lhe toldava os olhos e, quando deu accordo de si já estava no solitario bosque dos namorados, bosque que Milton conhecia como a palma da sua mão...

Ao longe, meiga e carinhosa como uma noite de praia e luar, a musica dolente e o canto macio, deconhecido. Perto, bem dentro dos seus ouvidos, as cousas de amor mais bonitas que ella já havia ouvido.

— Eu te quero, morena! Quero para que sejas minha companheira, minha só! Você me endoidece! Se você soubesse que olhos tem, que bocca, que alma!!!

E a voz daquelle homem vinha soluçada, nervosa, quente, cada vez mais perturbadora a tocar, suavemente, a corda sensivel de sua alma de amorosa imcomparavel.

Horas depois, idyllio sobre idyllio, ella, afinal, entregou seus labios aos delle. O beijo foi maior do que o das ondas bravias em noites de tempestade, sobre as pedras das margens e mais ardente do que um pôr de sol em dezembro... Os seus sentidos já não soffriam mais controle. Tudo, para ella, era felicidade, confiança e certeza, nos braços fortes e eloquentes daquelle homem que era o unico que lhe havia dito cousas assim...

Quasi manhã, regressou ao lar. Vinha atordoada, cheia de aprehensões e medo. Deveria confiar nas promessas de Milton? Viria elle buscal-a, como promettera, na semana seguinte? E os seus? Alguem teria percebido?...

Quando dobrou o canto da casa e avistou a porta de entrada, quedou horrorisada. Calmo, ou antes, calmo de tanto odio, o seu padrasto a esperava. A um canto, a maleta sua a denunciar uma expulsão eminente e um silencio de dia mal chegado por todos os lados. Num salto ella tentou alcançar a porta. A mão bruta e pesada do padrasto deteve-a, no emtanto.

— Vaes é para fóra, sua criaturinha imoral!... Então pensa que depois desse **passeio** eu ainda aqui a acceitarei?...

E desencadeou a somma toda do seu despeito, do seu odio, da sua vingança canalha. Quando ella tentou reagir contra a offensa e tentou lhe dizer que um dos culpados da sua situação era justamente elle, um pesado tapa atirou-a ao encontro da parede e outra chusma de phrases estupidas ella teve que ouvir.

(Continúa)

Cinema do Brasil

Corita Cunha

(Photo C. Rosen).

Baptista Junior (Photos Mme. Stein)

Em S. Paulo, a Columbia está terminando a confecção de uma revista Cinematographica, inteiramente falada e cantada em brasileiro. As photographias que hoje publicamos, foram conseguidas, aliás com um pequeno esforço de reportagem, em "atiliérs" photographicos porque a Columbia não deseja fornecer nenhum material de publicidade e mantem, mesmo, algum segredo sobre o Film.

Sabendo que Jayme Redondo, já antigo conhecedor do "metier", estava envolvido nos trabalhos desse Film, fomos procural-o na Columbia, onde exerce funcções, na gravação de discos. Amavelmente recebidos, foi-nos dizendo logo ser impossivel adiantar qualquer palavra sobre o trabalho, cuja existencia, entretanto, não desmentia. Alegou mesmo, que os seus chefes não desejavam que fossem adiantadas informações sobre uma producção que ainda não estava terminada, e para cuja apresentação ainda estava dependendo de innumeros e cuidadosos trabalhos complementares. Outros caminhos e meios portanto, fomos obrigados a recorrer, para trazer a boa nova aos leitores do **Cinearte.**

A Columbia, para formar o elenco desse Film, andou a procura de uma serie de figuras que, fazem esperar muito desta revista. Tornando-se necessario, para esse genero de Film, reunir bons "tests" de voz como de photogenia, — facil foi á Columbia escolher quaes os photogenicos entre os innumeros cantores que gravam para a sua fabrica de discos. Dentre esses, muitos nomes conhecidos e grandemente apreciados, atravéz do radio e discos, vão ser apresentados na téla... e cantando.

Paraguassú

Jayme Redondo

Figuras que apparecerão na revista da Columbia.

Zézé Lara

Arnaldo Pescuma

Em primeiro plano segundo já se ouviu mais de uma vez dos productores, está Arnaldo Pescuma, cuja voz é a que conta actualmente, com maior numero de admiradores na Paulicéa.

Affirmaram-nos até, que Pescuma deu os melhores resultados deante da objectiva. Outro participante que correspondeu perfeitamente á espectativa dos directores, foi Zézé Lara, que canta uma interessante canção regional, num quadro a caracter.

Entretanto, uma das mais interessantes descobertas da Columbia, no terreno da verdadeira Cinematographia, foi Carita Cunha. Jovem ainda, parece-nos, pela sua admiravel vivacidade e inclinação pelo Cinema, que será uma das maiores promessas para os nossos Films. Para as nossas producções, ella leva, em profusão, — talento e graça. E o Cinema vê nella um typo altamente photogenico.

Já foi Filmado um dos quadros de maior effeito e montagem, no qual veremos Corita Cunha fazer numeros de baile moderno, deante de um grande jazz que toca sambas cantados por Pescuma. Varios numeros ainda serão interpretados por Helena Pinto de Carvalho. Jayme Redondo, Baptista Junior, Paraguassú e muitos outros irão cantar uma serie de musicas modernas que, por certo, permanecerão nos nossos ouvidos, por muito tempo. A Columbia ainda pretende apressentar muitas novidades, nesse Film, as quais ainda dependem de contractos, até agora, não firmados. O que é certo entretanto, é que o Film está quasi prompto e, dentro de dois mezes, no maximo, nos será dado a conhecer. Comquanto esse Film constitua a primeira experiencia da Columbia, é de se esperar apreciaveis resultados, pois, os seus directores já pensam em continuar a produzir, em continuação. muitos outros Films do genero.

Por isso que estão apressando a construcção de um grande Studio apropriado que já se vê alevantado na Avenida dos Estados.

E assim vae-se fazendo mais alguma cousa de notavel, dando mais um grande passo para o Cinema Brasileiro que embora apanhado pela crise e pelos progressos do Cinema falado vencerá firme e decididamente.

Questão de tempo, porque com o progresso que está tendo, vae naturalmente resolvendo todos os seus problemas.

Esta iniciativa da Columbia com apparelhos americanos que são os melhores, é de grande alcance para o Cinema no Brasil. O resto vem depois e breve temos muita cousa a acrescentar.

HAYAKAWA E ANNA

Hollywood fez celebres e mundialmente consagrou dois orientaes: Sessue Hayakawa, admiravel artista filho do Japão e Anna May Wong, chinezinha de meritos incontestaveis e seducção **flagrante**. Um dia ambos deixaram os seus lares na California do Cinema e dos sonhos de tantos **fans** e partiram para aventuras que nem sempre lhes sorriram. De ambos é que vamos falar um pouco, agora e para ambos pedimos um pouco das vossas attenções.

A Paramount os contractou, recentemente e, juntos, figuram em **The Daughter of the Dragon**, mais uma aventura do Dr. Fu Manchu Warner Oland. De destinos mais ou menos parecidos, Sessue Hayakawa e Anna May Wong vieram a se conhecer apenas agora, no mesmo **set** e ambos num mesmo Film, irão mostrar que ainda não se esqueceram de agradar aos publicos de todo mundo.

No theatro e no Cinema, na Europa, ambos fizeram suas exhibições e agradaram plenamente. O Japão teve em Hayakawa o seu embaixador não official e o mundo inteiro fez bom juizo da China infeliz depois de ver e apreciar Anna May Wong. Ambos viveram papeis em peças differentes, em Londres, deante de SS. Majestades britanicas e ambos foram agraciados com cruzes de honra. Analyzemol-os agora, recem-chegados, apenas voltando ao Cinema que sempre os quiz bem.

Anna May Wong voltou completamente europeizada. A sua apparencia a primeira vista, seguramente, é aquella de uma americanazinha affectada. A vampirozinha chineza trouxe-nos um accento inglez na pronuncia puramente **yankee** que tinha, quando nos deixou e até pensa em maneira européa... Toma chá só de marca ingleza e pensa, veste, diverte-se e toma attitudes absolutamente européas. O seu proprio rosto já não é tão agradavelmente achinezadinho como quando, ha tempos, ainda não nos havia deixado para as suas viagens pela Europa.

Já Hayakawa não é assim. Os seus dois kimonos com os quaes o vi, em dias differentes, mal podiam occultar as pontas dos seus sapatos genuinamente **yankees**. Fóra disso, Hayakawa é o mesmo japonez que sempre foi: cheio de cousas japonezas em torno de si, só fumando cigarros japonezes, tomando chá japonez, cercado de japonezes e falando absolutamente com o mesmo accento japonez que foi o seu forte nos palcos daqui e da Europa, em tempos. Elle é um legitimo oriental e não se deixou vencer pelos habitos europeus ou americanos, como Anna May Wong, sua irmã de continente.

Uma cousa ambos têm de absolutamente commum: são fatalistas.

— Nunca faça planos:

E termina com a sua voz de accento caracteristico.

— Sempre falham!

Anna May Wong, de verbozidade mais maleavel, expressa-se na sua philosophia de qualidades:

— Acho que é sempre melhor nunca se esperar nada. Sendo assim, jamais se terá uma grande desillusão. Se o successo vem, tanto melhor! Eu nunca procuro fazer as cousas como penso. Deixo que ellas se dêm como seja possivel e que tomem conta de si mesmas...

E' verdade que Anna May Wong não tenha lutado contra o Destino, é verdade. Mas não é razoavel, tambem, dizer ella que deixa as cousas governarem-se por si proprias. No traçar dos planos para a sua carreira, Anna May Wong sempre revelou profunda sagacidade e muito auxilliou o Destino com o aperfeiçoando que sempre procurou para seus meritos e grandes dotes artisticos. Sem a vontade e sem a coragem que se lêm facilmente nos seus olhos, jamais teria ella conseguido a mundial evidencia que hoje desfruta. Basta que se diga que ella sahiu de uma lavanderia de Los Angeles e, hoje, fala com accento inglez e tem um bello contracto com a Paramount...

Anna

Anna May Wong.

Sessue Hayakawa

Deixou as cousas correrem por si proprias?... Nos tempos do Cinema silencioso, os productores de Films gostavam muito de empregar os bairros chinezes de Los Angeles como ambiente. Ali, num delles, é que Anna May Wong (cujo nome, em chinez, significa Lyrio Amarello gelado) sentiu, pela primeira vez, a vontade de ser artista de Cinema. Fez varias gazetas na escola que frequentava e era, sempre, para ir observar as Filmagens proximas ao seu quarteirão e quando ellas eram realizadas, Anna May não as perdia. Sempre fazia perguntas aos que lidavam com aquillo e, curiosa, ganhou o appelido de "chinezinha curiosa", entre os directores e artistas que costumavam frequentar aquelle bairro. Pouco tempo depois, como **extra** do Film **Lanterna Vermelha**, de Nazimova, para a Metro, fez ella a sua primeira apparição deante de uma objectiva.

— Sinto que sou uma criatura feliz.

Diz Anna May Wong.

— Não ha ninguem que não tenha seus sonhos. Tel-os, por certo, é uma das cousas mais maravilhosas do mundo. Mas quando esses sonhos se corporificam, então, não pode haver nada que se compare á emoção que os mesmos nos causam. Foi o fatalismo que é a minha religião que me fez ingressar para essa arte que sempre sonhei co-

MAY WONG VOLTARAM A HOLLYWOOD

mo ideal. Sempre fui imaginosa e isso facilitou-me a chegada ao ponto de partida para a carreira da qual hoje occupo o meu pinaculo feliz. Ha dez annos que sigo os passos do meu ideal e não me posso queixar dos resultados obtidos.

Seus paes a principio opuzeram-se ao seu ideal. Queriam que ella se casasse, tivesse sua familia e vivesse como domestica que sempre fôra a profissão dos seus. Não poderia ser, na verdade, outro o ideal de uma chinezinha de lavanderia, em Los Angeles. Durante o seu primeiro contracto para Cinema, nos tempos silenciosos, seu Pae recusou-se a assistir qualquer dos seus trabalhos. Elle não dera o consentimento e por isso continuava condemnando.

— As crianças chinezas geralmente obdecem á uma grande disciplina. Todas, desde pequeninas, tomam sobre uma idéa de responsabilidade que é tremenda e, além disso, o juramento de lealdade aos paes é quasi que sagrado. Não podem ser alegres, demonstrativas e nem siquer se podem beijar, umas ás outras. A' noite, sempre, reune-se a familia chineza em torno da lareira e é essa a suprema diversão. Nessa reunião em torno do fogo, symbolizamos a amisade e a dedicação solida que nos guiará pela vida e apesar de se beijarem muito os occidentaes, não creio que elles tenham maior dedicação aos seus paes do que nós temos...

Era assim a sua vida antes de ir para a Europa e antes de fazer os Films que fez na Allemanha, França e Inglaterra.

— Sinto e aprecio mais ainda o meu successo, porque hoje eu posso auxilliar muito a minha familia. Tenho muitos parentes. Quando eu deixei os Estados Unidos, os meus irmãos eram meninos. Encontei-os moços, todos e com vozes grossas e roupas de adultos...

A chinezinha "lyrio amarello gelado", no emtando, tambem devia ter assustado aos seus irmãos, com certeza, vendo-a com accento inglez, na fala, raupas de Paris, dinheiro á vontade e, ainda, um contracto que a fôra alcançar na Europa...

— Decidi manter meu accento inglez, aqui, porque acho que elle me fica bem Adquiri-o estudando muito e pagando bem caro as minhas lições. Hoje não o quero perder por um motivo que nem existe.

Os annos que ella passou na Europa, sobre ella, agiram como se fossem uma sorte de complemento á sua educação mal iniciada nos Estados Unidos. Vivendo sempre em ambientes os mais admiraveis e desfrutando conhecimentos os mais elevados, Anna May Wong adquiriu uma pose toda sua e uma educação finissima. Nos tres passados annos ella foi a **estrella** de tres Films allemães de grande successo, dois inglezes, **tabem** valiosos de relativo successo, tambem. Nos palcos londrinos foi um successo na peça **The Circle of Chalk** e nos de Neew York, igualmente, com **On the Spot** melhorou o seu já mundialmente conhecido nome. Dançou e cantou uma opereta, em Vienna, mas não se refere á esta passagem com muita sympathia.

Foi em 1928 que se deu a sua primeira chegada á Berlim. Não sabia uma só palavra do allemão, para começar... Para ficar sempre do lado melhor da vida, Emil Jannings ensinou-lhe, benevolentemente, que sempre dissesse **"nein"**, á tudo quanto lhe perguntassem...

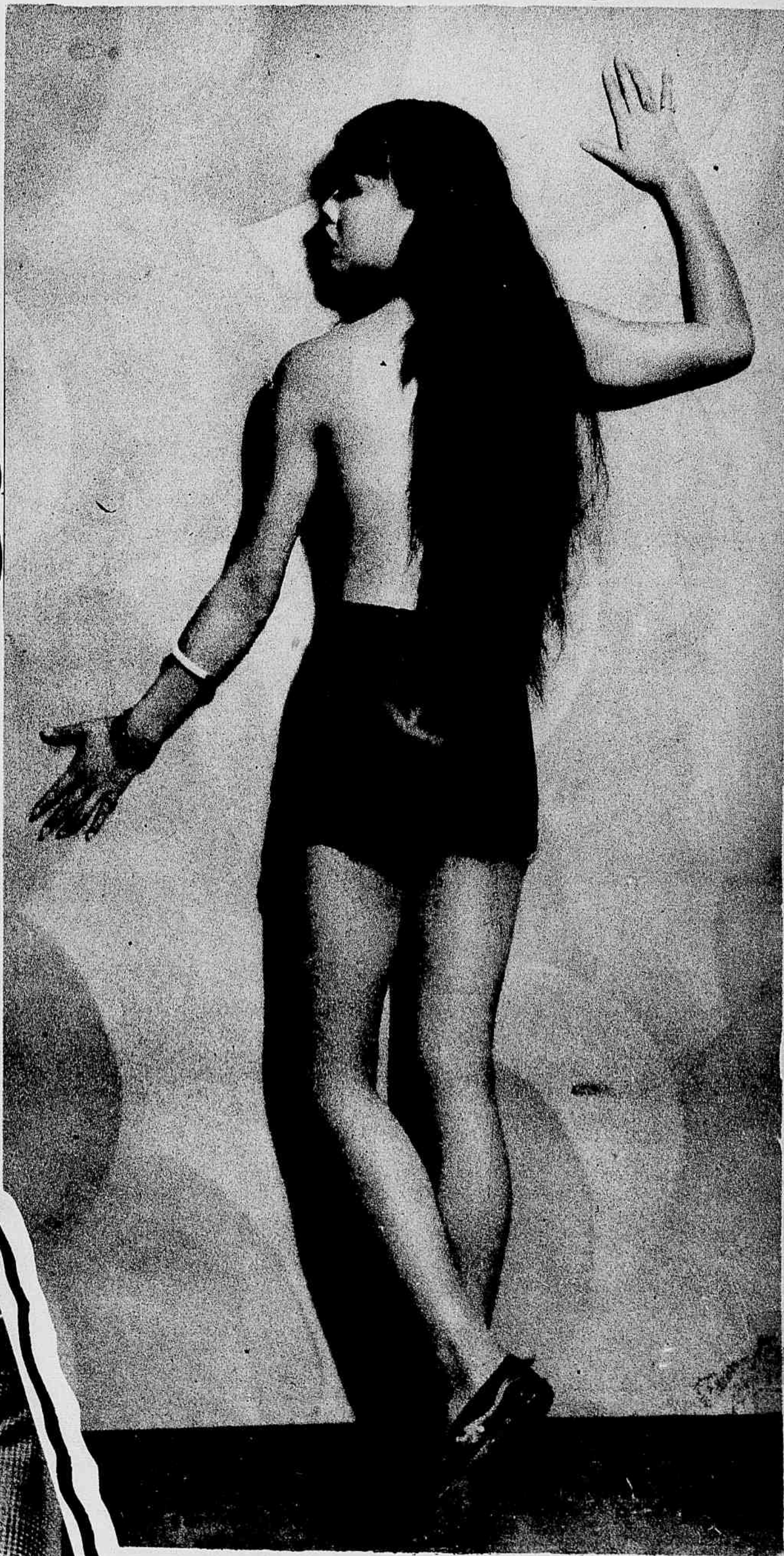
Dois annos depois, no primeiro Film falado que fez, na Allemanha, ainda, **The Flame of Love**, chamava-se o mesmo falava tão correctamente o allemão que os criticos affirmaram que ella havia tido uma **double** para os dialogos...

Durante a temporada de theatro, em Londres e consequente representação da já citada peça **The Circle of Chalk**, foi felicitada pessoalmente, no seu camarim, pela irmã de S. M. o Rei.

— Em Londres eu vivi bons dias de minha vida e senti-me num ambiente social do mais distincto imaginavel para mim. Um colosso!

(Termina no fim do numero).

Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Inicia-se hoje esta nova secção, especialmente dedicada aos pedagogos e aos Amadores de Cinema no nosso paiz. Poderiamos, sinceramente, começar dissertando um bocadinho sobre esse ramo da Cinematographia, uma vez por outra, sob o titulo de Cinema de Amadores, sem inconveniente de especie alguma, visto que ambas as praticas se utilisam do mesmo material Cinematographico para a sua realização: o Film, a camara e o projector de 16 ou mesmo de 9 millimetros. Como, porém, começaremos tocando nesse assumpto apenas esporadicamente, resolvemos dar-lhe o titulo que aqui se acha, afim de chamar melhor a attenção dos nossos leitores.

Falemos agora sobre o assumpto.

E' indiscutivel que, se muita coisa já se tem feito, lá por fóra, em pról da utilização do Cinema no ensino primario, secundario e normal, aqui tambem, no interior do nosso paiz, homens de valor e bastante esclarecidos tambem se têm posto a procurar o possivel, afim de que, nas nossas escolas, se procure *mostrar* aos alumnos ou melhor, se procure *suggerir mostrando* de visu tudo quanto se refere a Artes e a Sciencias, Physicas e Naturaes, não com o auxilio de estampas ou projecções fixas, mas principalmente com o auxilio do Cinema Educativo, visto que só elle poderá realizar esse milagre.

O professor Dr. Jonathas Serrano foi o maior, senão um dos maiores enthusiastas da applicação do Cinema na pedagogia. Outros igualmente apoiavam as suas idéas quando, em Agosto de 1929, se realizou a Primeira Exposição de Cinematographia Educativa, promovida pela então Sub-directoria Technica da Instrucção Municipal, e levada a effeito na Escola José de Alencar, situada no Largo do Machado, sob a direcção do prof. Jonathas Serrano, lembramo-nos perfeitamente de que toda a imprensa do Rio applaudiu incondicionalmente os altos fins da Exposição, fins esses que, se durante a crise mundial do presente momento, se tornaram de mais difficultosa realização, é de nosso dever mantel-os vivos no espirito de quantos possam vêr e comprehender o maravilhoso auxilio que o Cinema poderá trazer ao Ensino.

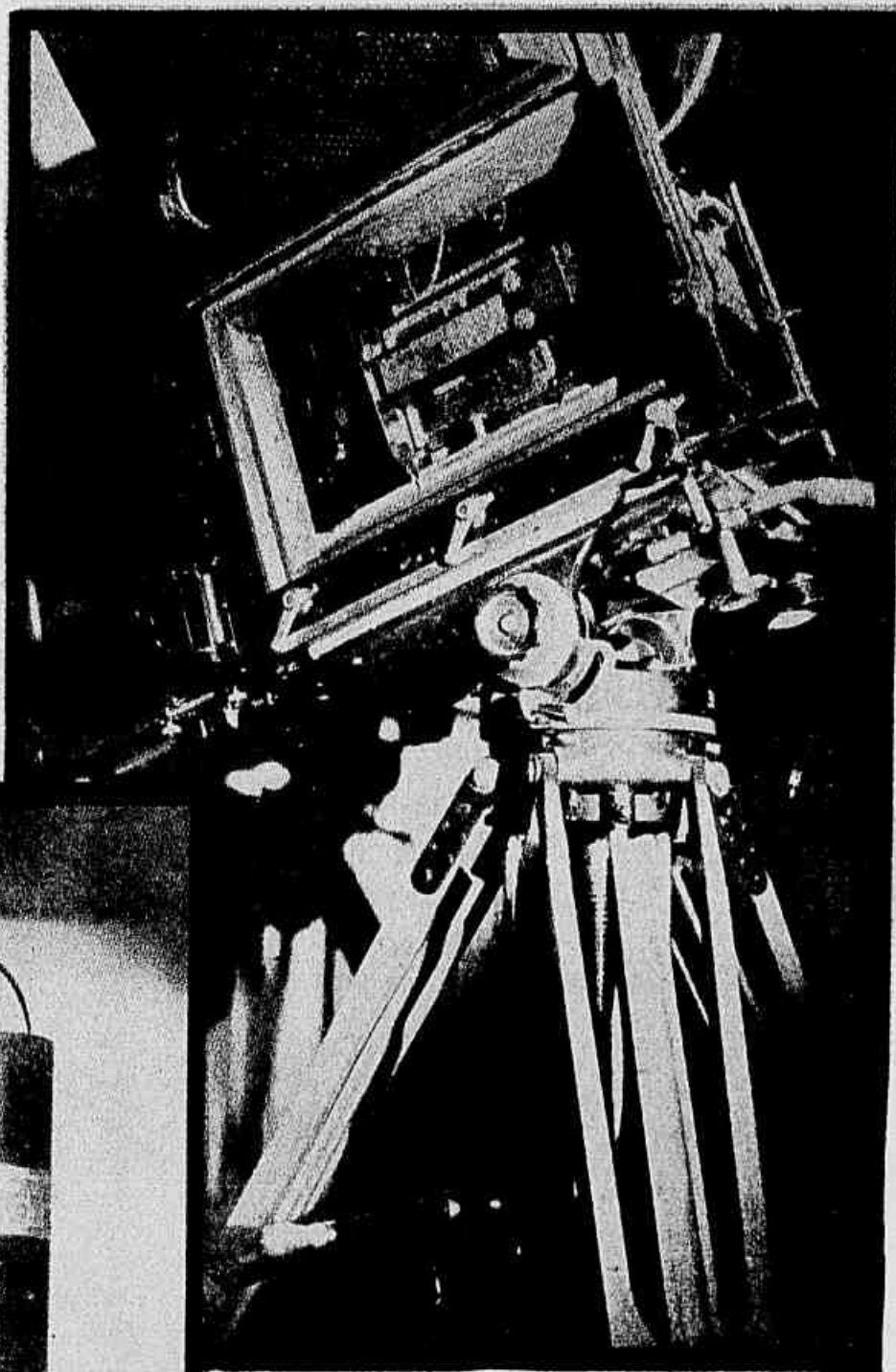
Convinha mostrar aqui, aos leitores que não se acham muito ao par da questão, qual foi a opinião de Jonathas Serrano a respeito desse auxilio e seus recursos. E' por isso que pedimos venia para trasladar ás paginas de "Cinearte" algumas palavras do que Serrano e Francisco Venancio Filho escreveram como prefacio do seu livro, *Cinema e Educação,* editado pela Cia Melhoramentos de São Paulo.

A proposito do que Lessing disse das Artes do seu tempo, commentam os autores:

"Agem no espaço a esculptura e a pintura; a poesia, entretanto, graças aos sons articulados, desenrola-se no tempo.

Que diria o critico, se vivo ainda fôra, a proposito da Arte Cinematographica?"

Realmente, dizemos, é preciso mais, para enaltecer o Cinema? No emtanto, os autores ainda o elevam mais, mostrando a comprehensão que têm dessa Arte. As phrases a seguir têm o cunho dessa comprehensão, e todos os admiradores do Cinema não poderão deixar de estar de accordo com ellas. Senão, vejamos:

"Não é apenas o desenrolar de sons ou palavras no tempo, a uma só dimensão, digamos assim. Nem só a duas dimensões, colorido ou não, no plano, qual desenho ou pintura. Nem ainda a tres dimensões, no espaço, — esculptura ou architectura, em realidade solida. E' por assim dizer, a illusão tornada possivel do espaço — tempo, quadridimensional, vivo, dynamico, e por isto mesmo ainda mais impressionante e suggestivo. E que dizer ao pensar então no relevo, na cor, no som? Panchromia, synchronia, televisão, — ja esboçadas, em breve perfeitas, com o maximo de intensidade de sensações, prazer dos sentidos e da intelligencia, riqueza phychologica incomparavel a temivel, para o mal ou para o bem. E cumpre que seja para o bem."

Os olhos e as orelhas do Cinema...

E ahi está. Essa analyse do que seja a Arte Cinematographica corrobora aquillo que dissemos mais acima, quando affirmámos que só o Cinema pode mostrar de visu, aos alumnos escolares de todas as nações aquillo que elles necessitariam *vêr* para *melhor comprehender*. A esse auxiliar maravilhoso do educador chama-se hoje, em todo o globo, Cinema Educativo; e falando a respeito da adaptação do Cinema á Educação, dizem os autores, Jonathas Serrano e Venancio Filho:

"O Cinema ao serviço da Educação, o Cinema superiormente, integralmente educativo, é hoje uma realidade, nos Estados Unidos, na Italia, na Allemanha, na propria Russia."

E mais adeante:

"O valor educativo do Cinema só poderá ser ainda posto em duvida por quem de todo esteja alheado dos problemas da psychologia pedagogica. A força de suggestão das imagens animadas é realmente formidavel."

A primeira nação que comprehendeu toda essa força de suggestão, e o que ella poderia dar, se applicada fosse á Educação, foi a Italia quando fundou o Instituto Internacional de Cinematographia Educativa, sob o patrocinio da Liga das Nações, e cujo orgão, a Revista Internacional do Cinema Educativo, publicada em Roma em cinco linguas diversas, começou a apparecer em Julho de 1929.

Os primeiros passos que nós tambem demos para collaborar nessa obra que se impõe parece que ficaram esquecidos. De 1929 para cá, tres ou mesmo quatro esforços se fizeram nesse sentido, promovendo-se exposições semelhantes áquella que se realizou na Escola José de Alencar. E essas exposições não foram sómente aqui no Rio; em São Paulo tambem se fez alguma coisa. Infelizmente, porém, foi só. E dizemos assim porque não nos consta que a nossa imprensa haja voltado a tocar no assumpto, como tocou durante os annos passado e anterior. Não deveriamos no emtanto ficar só nisto, sómente naquillo que quizemos, ou melhor, que quizeram fazer pela educação da nossa mocidade e do nosso Povo. E' ainda Jonathas Serrano quem o diz, no prefacio do seu livro, conjunctamente ás idéas do seu co-autor, quando ambos o elaboram em 1930:

"Entremos nós tambem na grande obra collectiva. Desenvolvamos cada vez mais as applicações do Cinema, não só instructivo, mas plenamente educativo. Levantemos o nivel da producção, pela exigencia de melhores productos, por uma critica serena mas intransigente. Habituem-se desde cedo os jovens a olhar para o Cinema pelo seu lado mais nobre e mais bello.

E assim como o radio é o laço invisivel que une milhões de brasileiros, a vibrarem de sadio patriotismo ao som do Hymno Nacional, — tambem o Cinema realize o milagre de mostrar o Brasil a todos os brasileiros, o homem do littoral ao do extremo Oeste, o dos pampas ao da Amazonia, — contribuição magnifica e urgente á obra da educação nacional."

N. da R.: Esta secção está aberta para todos os interessados no assumpto e quaesquer suggestões serão recebidas com o mais intimo agrado.

MARY DUNCAN E CHARLES STARRETT.

SCENAS DE "AGE FOR LOVE" DA UNITED ARTISTS

BILLIE DOVE E CHARLES STARRETT.

Pergunte-me outra...

LOLANA — (Uberaba - Minas) — Aqui os endereços. Não poude ser por carta, Lolana, porque eu só respondo por aqui. Sei que você é gentillissima e muito boazinha e comprehenderá perfeitamente o que lhe estou explicando. Ramon Novarro, M. G. M. Studios, Culver City, California; Conrad Nagel, idem; Ronald Colman, United Artists Studios, 1041 North Formosa Avenue, Hollywood, California; John Boles, Universal Studios, Universal City, California. Conrad e John, são casados; Ronald é divorciado.

FLÔR DE LIZ — (Rio) — Dizem, uns, que sim e, outros, que não. Mas o certo é que não, porque "papae" Douglas e "mamãe" Mary não gostariam nada da brincadeira... E' M. G. M. Studios, Culver City, California. O endereço particular não temos. Quem a viu pessoalmente affirma que é completamente differente do que na téla. Tem sardas, cabellos de fogo e uma bocca enorme. Mas isto não vale nada: o que vale é o modo admiravel pelo qual ella é photographa. Se rá opportunamente entrevistada, descance. Concordo: eu sou sua **fan** incontestavel e irreductivel. Acho-a, como você, admiravel e a melhor artista do Cinema. Até lógo, Flôr de Liz.

MARIO ROMUALDO — (Bello Horizonte - Minas) — Demoram para responder, mas responderão, tenha paciencia. E' um serviço, esse, que ainda não poude ser perfeitamente organizado e, assim, adia-se a remessa diariamente. Aliás Carmen mostrou-me a sua carta e é por isso que eu conheço você bem direitinho, rua, nome verdadeiro, etc. Esses **Clubs de fans** são geralmente uma arapuca para os incautos e de nada adiantam. Quanto a formar aqui, só com o fito de trocar de correspondencia, é idéa approveitavel, mas, sinceramente, CINEARTE não poderá assumir essa iniciativa. Recebi e agradeço os recortes. Continue! Se não é a rua, o que é o numero 384-Sob.!... Tambem você já foi Mario Baependy, Carlos Tupynambás e, o que você usou mais, Mario Romualdo. Mudar assim de pseudonymo só mesmo o Sven, de Curytiba... Mas não importa: deste ou daquelle modo continuamos bons amigos, isso é que é. Sim, é o mesmo Film que CINEARTE commentou, realmente. Até logo, Mario.

MAURY MOURA — (Nictheroy-Rio)—1.°—Prometti photographia? Você leu mal, amigo Maury. Nós não damos e nem vendemos photographias de artistas americanos ou Brasileiros. O que lhe respondi, naturalmente, foi que escrevesse aos cuidados desta redacção, Quitanda, 7, uma carta á ella que fariamos chegar-lhe ás mãos, isso sim. 2.° — Pois visite e depois conte-me as suas impressões. 3.° — Mas elle não pode chamar ninguem, amigo Moura. Todo serviço de lá é organisado e não pode chamar ninguem, o seu conhecido, sem autorização previa. Você trate desse assumpto directamente com o gerente, no Studio. Ninguem mais tem autorização para isso a não serem directores, em casos excepcionaes. A proxima vez veja se não se esquece de assignar a carta... Até outra Maury!

NILS NORTON — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Bem e a sua? "Perfume da paciencia" é uma imagem boa, Nils... Cacetes? Não! Tem paciencia, Nils, mas vocês são todos meus amigos. Aqui não ha cacete algum. Pois reclame! Elle tem um papelzinho em MULHER... e ha muito tempo que não o vejo. Pois seus desejos são tambem os meus e sempre continue animado como hoje o é. Até outra, Nils.

RODOLPHO NOVARRO — (Santarém - Pará) — E por que não merecer? Com muito prazer, Novorro amigo. Pois mande sempre os seus commentarios que muito agradam e interessam, principalmente pela sinceridade da qual vêm revestidos. Volte quando quizer.

TOM BILL — (Rio) — 1.° — Escreva-lhe aos cuidados desta redacção Quitanda, 7; 2.° — Nem sempre. Apenas quando é momento de Filmar; 3.° — Absolutamente. Jackie Coogan tem 14 ou 15 annos e é artista. Tom Ricketts, que tem quasi 90, tambem é...

PRINCEZA RUBRA — (Rio) — A sua letra, não sei porque, parece-se assim com a letra da minha amiguinha **Lupe Velez**... só que está inclinada, desta vez... 1.° — Ruth Roland, 3828, Wilshire Boulevard, Los Angeles, California. Mencione CINEARTE e receberá ainda mais depressa.

YVONNE VALBRET — (Franca - S. Paulo) — "Crawford Debora", "Bonequinha de Chocolate" "Marlette e Marise" e "Lilian Moscou", de uma gozadissima carta ao Milton Marinho. Agora... Yvonne Valbret. Bravos! Você intelligente é, não precisa nem modestia para occultar, Yvonne e pena é, apenas, que não revele o seu verdadeiro nome e escreva cousas bonitas para CINEARTE. Geito e astucia não lhe faltam... Bem por isso é que eu admiro você e cada vez mais, sabe? Aborrecer?... Qual, você é modesta, mesmo. Nome feio?... Mas **operador** é justamente aquelle que faz os Films... Acha que eu sou elle?... Seja Yvonne e outros travessos pseudonymo, minha amiguinha, mas não queira ser pytoniza... São quinze, ao todo, incluindo-se **Susan Lennox, Her Fall and Rise**, o ultimo exhibido. Além dos que conhece, existem: **Laranjaes em Flôr, Terra de Todos, Mulher Divina**, a versão allemã de **Anna Christie**, dirigida por Jacques Feyder e **Susan Lennox**, este ultimo do qual já fallei. 2.° — E' o que estavamos justamente cogitando de fazer. Aguarde. 3.° — Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr. casaram-se em New York a 3 de Junho de 1929 4.° — Isso não sei, porque, francamente, é uma cousa de relativa utilidade. O **peso** della, no emtanto, garanto-lhe que tem sido Marlene Dietrich... 5.° — Serão publicados tantos quantos nos venham ás mãos e, por signal, vae sahir um inedito, esplendido. Como vae o irmão do José Teixeira?,.. Dê um abraço a elle, sim? Volte sempre e logo, Yvonne. E por que, diga-me, foi você tão **cruel** com o Milton?

Scena de "Palmy Days" com, Eddie Cantor.

Madge Evans está uma moça.

RUDY — (Rio Claro - S. Paulo) — Já estava sentindo falta de noticias suas, Rudy! Você é um bom amigo e eu tenho muito prazer em ler as suas cartas. Tem sido erro e esse erro vae ser aqui desfeito. Milton Marinho nasceu em Minas e foi pequeno para Pelotas onde cresceu. Por isso é que dá-se por gaucho, mas o local de seu nascimento foi Minas. Mario Moreno, sim, é do Sul. Os outros estão certos. MULHER... está em trabalhos de synchronização e será muito breve dado ao publico. 1.° — Ambos em versão hespanholas para varias fabricas, o Barry e para a Fox, o Mojica. Deste ultimo aqui vimos, esta semana, **Principe sem Amor**, com Conchita Montenegro; 2.° — Lia Torá figura na versão hespanhola de **Charles Chan Carries On**, da Fox, tendo outro Brasileiro, o victorioso Raul Roulien ao seu lado. Olympio presentemente não está Filmando nada. 3.° — Mais dansa, em Clubs nocturnos do que trabalha em Cinema. 4.° — Jack está aqui, sim. Não ingressou para o Cinema, propriamente. Elle faz uma pontinha em MULHER... e tem escripto alguns artigos para CINEARTE, como aquella entrevista com Ruth Gentil, por exemplo. Pois venha e aqui o espero. Até á outra, Rudy.

SHERLOCK HOLMES — (Rio) — E por essa campanha, amigo Sherlock, muito temos ouvido... Já tem sido estampado, mas quando houver alguma, naturalmente publicaremos e vou fazer o possivel para que seja lógo. Não entendi direito: que especie de **maquillage?**... Agóra que está a sua photographia, para que seja chamado para um papel qualquer, é necessario ter o seu verdadeiro nome e o seu endereço. Depois aguarde o chamado. Estar aqui é meio caminho andado e você tem um bom typo. Mande tambem a altura especificada.

ENRI — (Rio Grande - R. G. do Sul) — Viva, Enri! Grato pelos recortes. Naturalmente era pseudonymo. E sempre fez mais do que o verdadeiro Thomas Meighan, não acha, que nunca conseguiu **roubar** os seus proprios Films... Se perdia conta?... "Nem queira saber"... Mas esse ponto é facil de explicar, Enri: ha muita gente que não comprehende isso e dahi um certo retrahimento. Mas ainda vae sahir muita cousa optima, aguarde! Enri amigo, só com as datas é difficil saber. Onde leu você as mesmas? Se foi aqui, diga-me em que numero e que resposta e eu averiguarei. Dei as felicitações e elle agradece. Recebeu, sim e eu fui um delles que lá estive a beijar a sua linda mão. Foi sim. Disse ao Jack, sim. Elle agora anda com o rei na barriga, depois que estreou um terno novo que o põe mais elegante do que o John Gilbert no domingo, antes da missa... Theda Bara?... Tem razão: pobre Rio Grande! Mas que cousa, passarem Films tão velhos, ah! Até a "outra", sim, amigo Enri.

MISTER BOND — (Santos - S. Paulo) — 1.° — Mary Brian chama-se Louise Dantzler e faz annos a 17 de Fevereiro. Nasceu em 1906. 2.° — Alda Rios, Cinédia Studio, rua Abilio, 26, S. Christovam, Rio de Janeiro; 3.° — Marlene Dietrich, Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California; 4.° — José Mojica, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California; 5.° — Uns quatro mezes. Brasileiros, talvez menos.

FAN ATICO — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — Não é cacete, não e principalmente quando são bons amigos como você. A sua primeira pergunta, realmente, é uma cousa que eu tambem ando procurando saber... Mas se viesse, faria?... E' outra cousa que eu não sei e nem acho possivel. Além disso temos melhores elementos, creia. São **verdades** que elles dizem em dias de **spleen**. Mas Cinema, disse bem Roulien na entrevista do Marinho, é cocaina... Quem aspirar uma vez, jamais deixa de lhe sentir o odor... Está em estudos e com certeza será **O Preço de um Prazer**, com a direcção pessoal de Adhemar Gonzaga. Sim, Roulien está com a Fox e tem importante papel em **Delicious**, com Janet Gaynor.

LYCIO NEVES — (Bello Jardim - Pernambuco) — O Dr. Behring entregou-me o seu cartão para responder. O primeiro, segundo e terceiro, deixaram o Cinema. Marcos Alberto ainda está aqui. Pedro Fantol, presentemente, não está no Cinema e acha-se em Bello Horizonte cuidando dos seus negocios particulares. Se manda a photographia, não sei.

OPERADOR

No theatro, Clark Gable teve uma actuação soffrivel, apenas. Conseguiu alguns papeis como galã e não além disso. Era o Cinema, realmente, que o esperava para a victoria e apenas no Cinema que elle confiava para vencer. Além disso, era uma questão de teima... Si elle não prestara, como é que venceria? E por isso persistia, teimoso, para poder depois sorrir e desdizer a quantos o haviam dado como incapaz.

— Eu escrevi, no caderno da minha memoria, a minha intenção de vencer no Cinema, custasse o que custasse. Foi por causa disso que pouca attencção votei aos meus trabalhos de palco e por isso que apenas me devotei realmente ao Cinema. Mas uma cousa eu tenho apprendido ironica e má: uma cousa é Hollywood para os que sobem a carreira, tentando alcançal-a e outra é para os que descem, vencendo facilmente a ribanceira...

Foi Lionel Barrymore que, vendo-o numa peça, em Los Angeles, procurou-o e lhe aconselhou entrar para o Cinema e tirar um "test" para a M. G. M. A idéa fel-o sorrir e, assim, Clark demonstrou claramente a Lionel o quanto não liga a casos impossiveis...

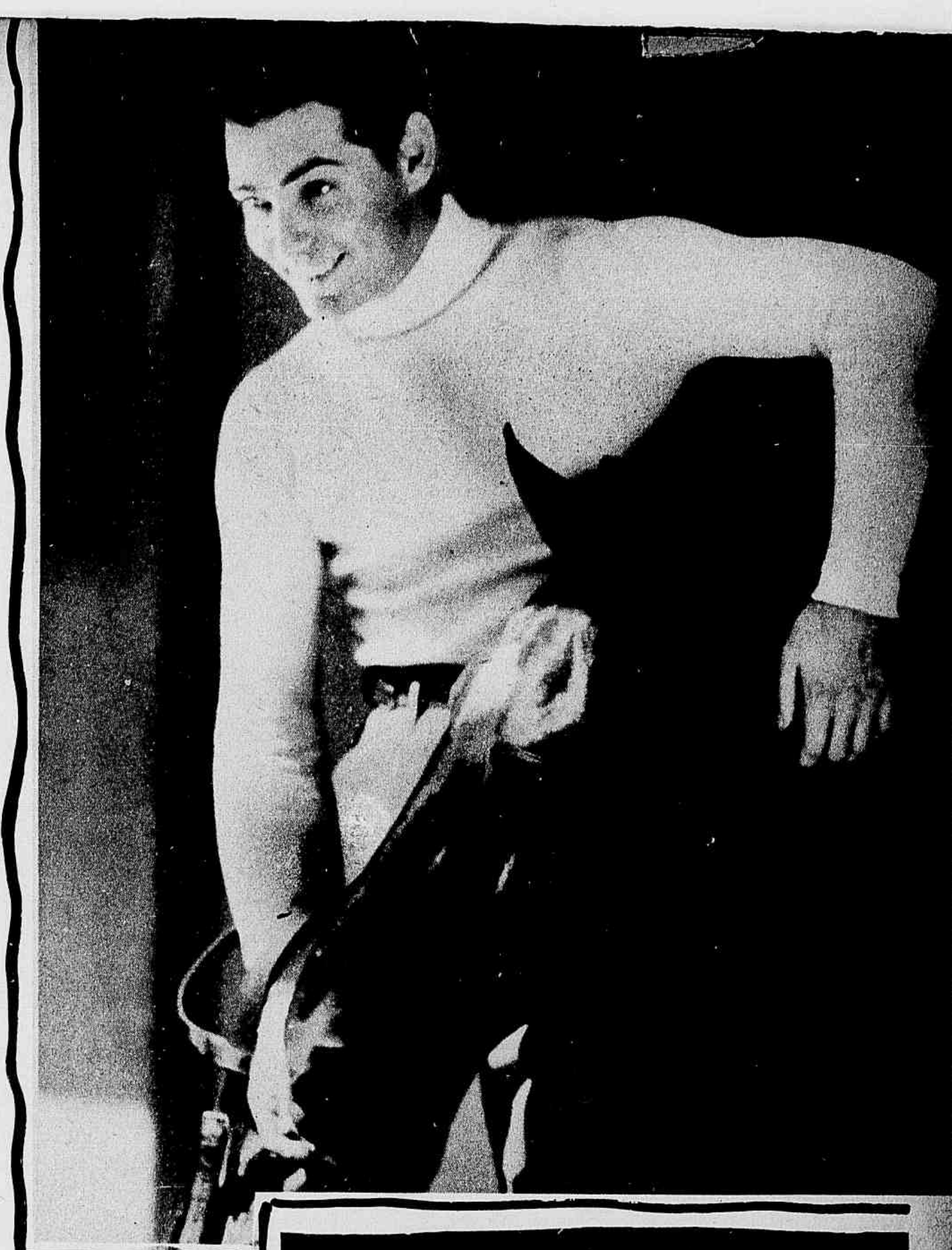
Dias depois elle se apresentou ao "test" e enthusiasmou-se pelo mesmo depois que averiguou que o mesmo offerecia difficuldades que os antigos que já tinha tirado não haviam apresentado. Depois desse "test", o resultado foi "Tentação do Luxo", "Quando o Mundo Dansa", "The Secret Six", um papel notavel coadjuvando Norma Shearer, em "A Free Soul" e "Laughing Sinners", no qual Clark Gable tomou o logar de John Mack Brown na refilmagem que fizeram de toda a parte de John no Film.

Ha dias, entretanto, occorreu-lhe a maior sorte. Soube que Greta Garbo o havia escolhido para galã de seu Film "Susan Lennox, Her Fall and Rise", o seu mais recente Film. Depois de ter sido galã de Greta Garbo, Clark Gable ainda pensará em não ser o verdadeiro actual herÓe de Hollywood?...

CLARK GABLE

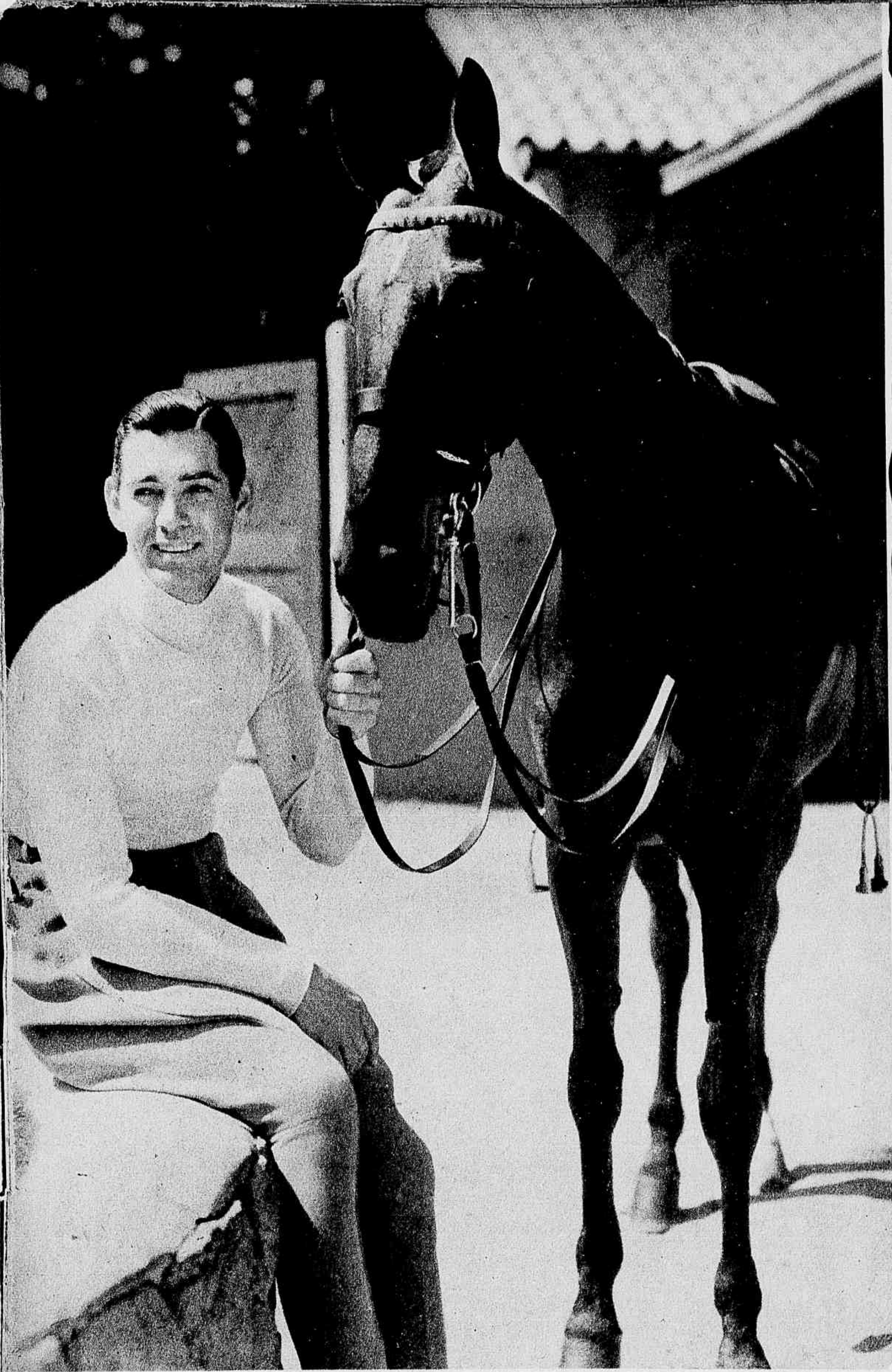
CLARK GABLE E NORMA SHEARER

Lewis Milestone, director de "Sem Novidade no Front" e, recentemente, o grande successo "The Front Page", para a United Artists, tornou-se productor independente e formou, com David O. Selznick, a Milestone-Selznick Pictures Incorporated. Produzirá, a nova fabrica, um minimo de seis Films annuaes e serão os mesmos dirigidos pessoalmente por Lewis Milestone e, outros, por varios directores com supervisão directa do mesmo Lewis. Esperemos...

Irene Delroy, victima de um accidente em Montreal, quando cavalgava, a passeio, um animal qualquer e estava em viagem de nupcias, declarou aos jornaes que não quer mais saber de representar. Aliás uma medida acertada, a sua, diga-se de passagem... Pequenas como Irene Delroy, qualquer uma da Mack Sennett bate...

O director Edgar Selwyn, do qual já vimos "Enfermeiras de Guerra", declarou recentemente, que o que vale, num Film, é acção. Francamente, estamos surpresos com a formidavel descoberta do director Edgar Selwyn...

June Collyer casou-se com Stuart Erwin em Yuma, Arizona.

Juliette
Compton

O Successo de

Ramon Novarro, disse: — "Acho que Clark Gable é o melhor "material" para "astro" que Hollywood tem tido nestes ultimos tempos!"

Joan Crawford, diz: — "E' dos maiores artistas com os quaes tive o privilegio de trabalhar em toda minha carreira. Será o mais celebre de todos nós, creio!"

Um "Importante" do Studio, diz: — "Tenho visto gente chegar e gente ir. Acho que Clark Gable chegou e só irá... depois de morto".

Um homem da publicidade do Studio, diz: — "E' possivel esquecer-se Clark Gable depois de se o ver num Film qualquer? Elle é um dos maiores artistas e uma das mais vivas personalidades que tenho encontrado em minha vida e visto em Hollywood".

E' assim que alguns pensam de Clark Gable fora do circulo das suas mais chegadas amisades. Hollywood quasi toda tambem pensa assim e a sua correspondencia de "fans" tem augmentado de forma até exaggerada nestes ultimos tempos. O paiz todo interessa-se por Clark Gable e o proprio mundo já volta seus olhos para o novo e já tão importante vulto do Cinema.

Diante do facto de estarem enthusiasmados por elle Ramon Novarro, Joan Crawford, Norma Shearer e mesmo Greta Garbo, o que é preciso accrescentar para concluir que elle é um vencedor?...

Ha cinco annos passados Clark Gable foi "extra" num Film de Ramon Novarro e este nem siquer lembra-se disso.

Ha tempos elle sentava-se junto aos marcineiros do Studio e ficava olhando Joan Crawford fazer o seu "lunch" e Joan Crawford nem siquer imaginava quem fosse aquelle homem que a olhava.

Um director que hoje o admira, disse, ha tempos, quando elle lhe pediu uma opportunidade, que nunca a daria a um individuo tão vazio de predicados physicos quanto elle Clark Gable...

— Não os censuro.

Disse-me Clark, ha dias, quando o entrevistei. Aliás o meu typo não foi notado, antigamente e hoje o é. Sinto-me feliz com a mudança das opiniões, neste particular. O facto é que tudo, em Hollywood, é questão de accidente. Accidentalmente acham-me hoje um assombro, como ha annos atraz acharam-me accidentalmente um fracasso...

Dos artistas que a M. G. M. tem, como galã, Clark Gable, Neil Hamilton e John Mack Brown, Clark é o victorioso. Robert Montgomery, recentemente posto como "astro", não tem sido muito feliz e parece que não vae ser como tal conservado por muito tempo...

— Não me acho melhor artista, hoje, do que o era a cinco annos passados. Já fiz "extras" para a Paramount, Universal e M. G. M., mesmo. Depois de muito lutar é que comsigo a evidencia que hoje me dão. E' um prazer intenso para mim recordar isso e encarar esse aspecto da questão...

June
Mac
Cloy,
outra
pequena
Paramount...

Romance de Studio...

(CONTO DE OCTAVUS ROY COHEN)

Uma multidão reunia-se, compacta, na rua defronte ao theatro. De todas as direcções, felizes, sorridentes, alegres, moços e moças entrecruzavam-se. Na linha que formavam, no "hall" do mesmo, para comprar entradas, sorriam um para o outro, sempre dando aquelle mesmo aspecto de felicidade. Um cavalheiro gordo, director do espectaculo, acenava e gritava, barulhento, para os seus raros conhecidos que passavam ou entravam, querendo mostrar-se popular.

Os moços trajavam roupas claras e leves e, as pequenas, vestidos de mousseline ou "chiffon". Azul, roxo e amarello, variedade de cores pelo ambiente todo. O aspecto geral denunciava a pequenina Cidade que aquelle ambiente esclarecia e, pelo aspecto dos seus habitantes, havia de ser por força verão.

Trajando grossos casacos e calçando espessas luvas, no meio da rua, curiosos olhavam a scena do verão na aldeia que a montagem representava. Estamos em Hollywood e apesar da montagem viver um dia de verão, Hollywood passa o seu periodo agradavel de inverno.

Os "extras", fazendo notaveis esforços para conterem o tiritar dos queixos, avivavam ainda mais a scena para augmentar o aspecto alegre do conjuncto obedecendo a ordens, naturalmente. Quando havia algum intervallo, aproveitavam-no, afflictos, para correrem aos agasalhos, escassos, talvez, mas sempre agasalhos.

Uma pequena, pallida e anemica, mesmo debaixo da sua "maquillage", tambem linda e delicada, olhava de soslaio o rapaz que lhe haviam entregue para ser o seu par.

— Sabe...

Disse-lhe ella, na sua voz particularmente meiga.

— ... que se parece extraordinariamente com Michael Dorian?

O rapaz sorriu e depois respondeu.

— Já me disseram...

— Eu cheguei a pensar que você fosse o proprio Dorian. Depois é que comprehendi que não era mais do que um "extra".

Depois ella vestiu o casaquinho humilde e rustico e, attrahida pelo aquecedor que havia no centro da montagem, em local não aproveitado pelas "cameras" e de lá, ao passo que aquecia as mãos, olhava ainda para o rapaz que era, realmente, parecidissimo com Michael Dorian, um dos mais admiraveis e conceituados "galãs" de Hollywood.

O joven approximou-se tambem do aquecedor e, abaixando-se até á bocca do mesmo, accendeu no lume do carvão o seu cigarro. O interesse que demonstrava pela scena que o director naquelle momento ensaiava era insignificante. Ao lado da scena, commodamente sentada, a "estrella", num "manteau" admiravel e carissimo, espreguiçava seu corpo e suas joias antes de ser chamada para se preparar e entrar em scena, em seguida. Os "extras" conversavam, animados e a scena, apparentemente simples, mostrava varias inesperadas difficuldades ao seu realisador. Irritado e nervoso, o director não se continha mais: aos berros insultava os electricistas, justamente aquelles que sempre servem para alliviar os nervos dos directores... As luzes estavam collocadas mal, os microphones não estavam bem ajustados e já se haviam perdido varios trechos de dialogos importantes e, além disso os "extras" ainda estavam por ensaiar para que não gritassem muito alto ao lado do microphone e, tambem, para falarem num tom, que o mesmo registrasse bem o que dissessem. Havia duas horas que trabalhavam numa scena só...

Naquelle instante, os nervos, distendidos, já estavam por pouco para uma explosão dessas tão communs em Hollywood... Além disso era quasi meia noite e o frio augmentava tirando grande parte do animo dos "extras" que deviam mostrar grande vivacidade e desembaraço. Houve outro ensaio e, ao lado da pequena pallida, encontrou-se novamente o rapaz. Já tinha observado que ella era realmente linda. Caminharam e com a approvação do director e do engenheiro technico de sons e vozes, deram a scena por perfeita e, assim, accenderam-se as luzes para Filmar-se incontinenti o referido trecho.

Era eminente a Filmagem daquella scena.

Deu-se o signal de silencio e o engenheiro technico fechou-se na sua cabine. As "cameras" já estavam em fóco e as luzes promptas. Deu-se o signal de começar e, depois do gesto nervoso e quasi afflicto do director, já exhausto, começaram os motores das "cameras" a accional-as e a scena movimentou-se.

De uma Babel veiu um silencio quasi mathematico. De um cháos absoluto, a mais perfeita ordem... Cinema...

Progressivamente e avelludadamente proseguia a scena. O moço e a pequena pallida approximaram-se da fachada do theatro que só tinha fachada, na verdade... Notando que ella falseava o passo, elle susteve-a. Voltou-lhe o animo. Tornou, depois, novamente a falsear o corpo e elle novamente a retel-a. Olhou-a de relance. Estava tragicamente pallida.

Entraram no campo da acção, rindo, conversando e satisfeitos como lhes ensinara a direcção.

Depois, sem aviso e sem palavra ou grito, o corpo della amolleceu completamente e, junto ao "lobby" do theatro ella tombou aos pés do rapaz que lhe fazia companhia. Alguem gritou. Artistas e "extras" deixaram as mascaras, fizeram-se humanos, correram para o local da queda. Da rua sahiu a voz rude e violenta do director.

— Corta!!!

Depois atirou-se para a multidão, nervoso, agitado. Com seus braços fortes afastou a multidão. Estava furioso. A scena ia perfeitamente bem. Depois de duas horas de incessantes trabalhos, felizmente a scena ia ás maravilhas. O "shot" que elle estava tirando era longo e seria aproveitado de varios angulos. E agora, justamente, acontecia-lhe aquillo...

— A pequena desmaiou...

Explicou ligeiramente um electricista.

— Desmaiou... Raios!!! Palavra, é a millesima vez que aprecio o mesmo "truc!" Ella não tem nada, creiam. O que ella quer é fingir-se doente para chamar a minha attenção. Todas ellas fazem assim e como os jornaes publicam esses casos, tornam outras a repetir o mesmo caso... E' isso!!! Está tão doente quanto eu estou! Tirem-na daqui e tirem-na immediatamente. Não a deixem mais entrar aqui!!!

O director era sincero e tinha razão. Aquelles casos de desmaios fingidos repetiam-se dia a dia e justamente nos momentos de scenas capitaes. Aquelle que acontecia naquelle momento, então, vinha arruinar exactamente uma das mais compridas e mais caras scenas até ali Filmadas pelo "unit". Tornou a olhar a "extra" pallida e gritou ao assistente:

— Leve-a daqui, ouviu? Dê-lhe o cheque de costume e ponha-a daqui para fora e que nunca mais aqui me appareça!

O companheiro da pequena deu um passo á frente. Na sua physionomia estampavá-se a raiva que vinha contendo deante de toda aquella attitude sincera, sem duvida, mas que elle não podia comprehender e ninguem ali comprehenderia, com certeza.

— Não pode fazer isso, senhor! A pequena está realmente enferma!

— Faço o que entendo, aqui, meu menino e você vá tratando de cahir fora, entendeu?

— Mas daqui você a mandará tirar quando melhorar o seu estado e não tente fazel-o antes!

A voz do rapaz era calma, paciente, mas decidida. O director bestificou-se com aquella coragem. Depois começou a resmungar e, afinal, sahiram-lhe as palavras pela bocca, violentas, brutaes, nervosas e extremamente profanas...

— Ponha-se para fora daqui, seu animal! E tambem não torne a me apparecer aqui se não quizer que lhe parta a cara, está entendendo? Vocês vão dar entrada na lista negra e é hoje mesmo, seus cretinos!

O rapaz já tinha a pequena entre os braços e levava-a para perto do aquecedor. Alguns outros "extras" já traziam um pouco de café quente e elle, agasalhando-a o mais possivel, deu-lhe a bebida reconfortante.

A pequena abriu os olhos e os que ali estavam contaram-lhe o que havia acontecido. Ella chorou. Tentou erguer-se e tornaria a cahir se a mão forte do rapaz não a amparasse. O assistente do director approximou-se e deu-lhe os respectivos cheques e lhes disse que deixassem incontinenti o "lot".

(Termina no fim do numero)

NO STUDIO...

Kay Johnson
BONECA
DE
LAMA...

UM
SONHO
APENAS...

Muitos têm sido os casos amorosos entre gente de Cinema, em Hollywood, mas poucos têm sido aquelles que se assemelham ao de Norma Shearer e seu marido Irving Thalberg, tido como "a maravilha jovem" de Hollywood, no terreno difficil que vae palmilhando como orientador da producção da M. G. M.

Poucos semelhantes, dizemos, porque, longe do que é de suppor, Norma não teve, por Thalberg, a primeira impressão feliz. Ao contrario. O que Norma pensou de Irving, depois de o ter encontrado, pela primeira vez, foi que Irving era convencido e muito antipathico. Como principal motivo desse juizo, sem duvida, vem o facto della não ter gostado de precisar se submetter á um rapaz tão moço, tão sympathico e tão agradavel e nelle apenas confiar todo o futuro da sua carreira. Sua carreira era tudo quanto de mais caro havia, na sua vida e ella jamais podia calcular a capacidade dequelle moço que tinha o defeito de ser moço para merecer a confiança daquella mulher bonita.

Um facto ainda mais contribuiu para essa antipathia pessoal irremovivel que foi a primeira impressão de Norma Shearer por Irving Thalberg. E' que ella queria bons papeis e, principalmente, bons papeis dramaticos, cousa que a elevasse no conceito das criticas e a puzesse ao lado das boas artistas dramaticas e emmocionaes do Cinema. Ao contrario, o que lhe davam eram cousas sem importancia e, quasi que invariavelmente, papeis de heroinas de galãs de nomeada. Aquillo foi enfurecendo-a, enfurecendo-a e, um dia, resolveu ella "fechar o tempo" no escriptorio do nosso amigo e sympathico Irving Thalberg.

Não teve apenas uma discussão com o moço chefe da producção, não. Teve varias...

Durante as mesmas, não poucos foram os momentos dramaticos e tempestuosos postos em jogo... Lagrimas, lamurias, e, no final das contas, nada disso adiantando para o programma previamente traçado pelo jovem director de producção.

— Quero que saiba que regeitei duas propostas serias antes de acceitar a sua!

Disse-lhe Norma Shearer, quasi em lagrimas, num momento de discussão.

— Mas acceitou a minha e vae cumpril-a, minha amiguinha...

Respondia-lhe invariavelmente o imperturbavel Thalberg.

E dias depois começou o romance a bater naquella porta de escriptorio... Norma sentiu que começava a amar aquelle homem. Viu, claramente, que Irving não era um homem impertinente e nem antipathico e, sim, um rapaz intelligente que completava e cumpria o seu intelligente programma. Ella começou a gostar immensamente delle e apenas esperou, paciente, que elle gostasse della tambem...

Se é que Norma causou impressão ao coração de Thalberg, produzira-a tão leve, tão insignificante, que elle nem siquer se deu por achado... E continuaram as discussões a respeito de argumentos, elencos, directores, scenaristas, etc. Norma foi vendo papeis que queria para si dados a outras pequenas. Gritou por elles, chegou a fazer scena de raiva. Mas Thalberg não cedia um milimetro e nem siquer se mostrava impaciente com aquelles constantes rompantes de nervos. A sua palavra ali era lei e pouco lhe importava a lamuria bonita daquella mulher adoravel que o olhava quasi em raiva... Além disso, o que era peor, Norma nem siquer tinha um tribunal para o qual apellar...

Os dois annos seguintes foram encontrar Norma aperfeiçoando-se para ser digna dos papeis que quizesse e merecedora de todas as attenções do chefe Thalberg. Se elle notava essa mudança, ninguem o soube, porque mais impassivel ainda se manteve deante dos ataques seguintes de Norma Shearer, ataques de nervos e ataques de seducção que elle resistia galhardamente...

Na epoca da assignatura do contracto que juntou Louis B. Mayer, a Metro e a Goldwyn, Irving pouco frequentava festas e era muito visto na companhia de Constance Talmadge e Rosabelle Laemmle, com as quaes era dado em **falatorios como prometido.** Mas o verdadeiro amor e o perfeito noivado de Thalberg era a sua mesa de trabalho, um trabalho que lhe consumia 80% do tempo mas que ia tornando dia a dia mais notavel no terreno onde hoje é quasi absoluto, em Hollywood.

Consummou-se o accordo Metro-Goldwyn-Mayer e a companhia de Louis B. Mayer locomoveu-se para Culver City, occupando o Studio hoje das tres companhias em boa e sabia hora fundidas. Com elles foi Miss Norma Shearer, de New York...

Desde esse tempo Norma Shearer já amava o seu "patrão" e não podia deixar de soffrer com a indifferença absoluta que notava nelle.

— Numa noite de Natal, noite essa que me encontrou desanimada, triste e profundamente só, immensamente necessitada de uma companhia boa, cheguei ao meu camarim mais exhausta do que nunca. Tinha Filmado até tarde e não podia deixar de soffrer com aquelle **spleen** que tomava totalmente os nervos. Assim que me sentei, na poltrona do meu camarim, soôu o telephone.

— Feliz Natal, **miss** Shearer!

— Disse uma voz do outro lado do fio. E foi só. Desligou. Eu senti uma sensação absoluta de desconforto e aquella phrase do homem que eu já amava tornou-me mais infeliz e desgraçada, ainda. Chorei muito, lembro-me e chorei até seccarem meus olhos pela ausencia das lagrimas...

Apesar de Thalberg, na apparencia, importancia nenhuma ligar a Norma Shearer, ella começou a subir vertiginosamente para o topo do elenco M. G. M. Depois de um desempenho feliz e primoroso, em **Onde os Caminhos do Amor se Cruzam,** as criticas entraram a incensar rasgadamente o nome de Norma e a pol-a junto aos mais celebres do Cinema. **Lua de Mel e Fel** pol-a entre as boas comediantes do Cinema. **Ironia da Vida,** novamente como artista dramatica de vastos recursos. Neste ultimo ella tivera a companhia de Lon Chaney e John Gil-

bert, num só elenco e nem por isso fora obscurecida por qualquer um delles

Na usual camaradagem de Studio, John Gilbert fez-se um dos melhores amigos de Norma. Juntos iam a muitas festas e reuniões e assim fazia Norma o possivel para esquecer aquillo que se lhe afigurava impossivel: Thalberg descer do seu trabalho e da sua importancia para corresponder ao profundo afecto que ella lhe votava.

No lar de Norma, na avenida Stanley, John Gilbert tornou-se um assiduo amigo e frequentador. Ambos gostavam de suas companhias e divertiam-se juntos em perfeita harmonia. Felizmente para ambos jamais um fio qualquer de romance ou amor estragou essa boa amisade que até hoje dura. Muitas vezes ambos encontravam-se com Thalberg em certas festas e Norma não perdia essas occasiões para lhe mostrar, polidamente, é certo que não lhe ligava absolutamente a menor attenção...

Cada encontro era mais frio do que o outro e apenas se cumprimentavam ligeirissimamente, tocando Thalberg muito de leve o seu chapéo quando se encontravam num corredor, na rua ou numa festa.

— O que mais engraçado nisso ha.

Disse-me Norma.

— E' que ambos sabiamos, perfeitamente, desde o nosso primeiro encontro, que nos amavamos. Talvez elle fosse o ultimo a comprehender e a sentir isso, mas elle soube ser forte como poucos... Elle era, além disso, um leão do trabalho, mas positivamente um carneiro social...

Um episodio um tanto ou quanto á historica historia de John Alden, emmocionou a Priscilla desta narrativa.

— Um dia, quando eu já era **estrella**, tocou a campainha do meu telephone. Faziam justamente tres annos que me achava em Hollywood. Era a voz da secretaria de Irving Thalberg que chamava. Perguntou-me ella se eu ia á **premiére** de um Film que começava a sua vida naquella noite. Disse-lhe que não. Não tinha sido convidada e não iria ser offerecida, é logico. Disse-me ella, então, que eu não me compromettesse com mais ninguem, porque eu iria á mesma **premiére** junto a Irving Thalberg... O que eu quiz fazer, naquelle momento, foi berrar pelo fio "Oh Irving! Por que não fala você mesmo, seu coió!?" Mas contive-me e acceitei o convite. Dahi para deante, a unica voz masculina que fez dialogo com Norma, foi a de Irving Thalberg... Durou a conquista amorosa cerca de um anno, com todos os requisitos do namoro, noivado, etc., **trucs** conhecidos desde os nossos avós.

Norma Shearer

Norma e Irving Thalberg

A 29 de Setembro de 1927, casaram-se. Foi um casamento simples, celebrado no jardim do lar de Thalberg e com convidados muito intimos. Athole Hawks, esposa de Howard Howks e a irmã de Irving, Sylvia Thalberg, foram as **demoiselles d'honeur** de Norma.

Depois de casada, Norma, como qualquer outra noiva, perguntou ao marido como fôra que elle se interessára por ella, pela primeira vez. Elle sorriu e, tirando da sua gaveta particular um caderno vermelho que o acompanha ha annos, mostrou-lhe os nomes de varias celebridades por elle anotados e que o acompanham desde os seus tempos na Universal. Ali estava o nome "Norma Shearer" e, a seguir, os de dois Films seus feitos em New York: **O Missionario** e **Channing of the Northwest** (este não exhibido no Brasil). A seguir havia uma phrase: "possibilidades interessantes". Apenas. Depois de uma breve lua de mel, regressaram a Hollywood e iniciaram a vida no lar de ambos e justamente com os velhos Thalberg, Mr. e Mrs. William Thalberg. Uma das cousas, aliás, que mais recommendam Irving ao conceito e admiração geral da colonia, é o facto de ser elle um filho irreprehensivel e uma figura de grande respeitador para com seus paes. A propria familia de Thalberg fez-se a de Norma. Os velhos acceitaram e comprehenderam a pequena esposa de Irving e deixaram o lar para ella manejar a seu contento.

Sem duvida o seu casamento com um dos homens mais eminentes de Hollywood, havia de provocar inveja. Começaram a chamal-a de "a pequena que tem tudo". Mas nada disso perturbou a felicidade de ambos e ella foi obtendo successo sobre successo com **A Dama da Noite, Escrava do Luxo, O Preço de um beijo, Amor que não Morre, Evas de Hoje, Visões do Palco, Depois da Meia Noite, A Actriz** e **Rostinho de Anjo.** Achava-se ella na mais invejavel das suas posições no Cinema, quando de repente, os Films falados assaltaram Hollywood.

Disseram, os invejosos, que ella ia deixar o Cinema e se retiraria para sempre e, isto, porque não tinha competencia alguma para o Film falado. **O Processo de Mary Dugan**, no emtanto, provou que ella era uma artista de reiaes meritos e, ainda, que tinha uma das vozes mais admiraveis do Cinema. Houve duvidas no proprio **lot** a respeito das qualidades de Norma, e Thalberg quasi não dá á esposa esse papel. Felizmente o deu e ella felizmente sahiu-se bem, Dahi para deante, ninguem mais opoz duvidas ou discussões.

Quando Norma entrou para o Cinema

Seguiram-se **A Cativante Viuvinha, Ebrios de Amor, A Divorciada, Gozemos a Vida** e, agora por ultimo, dois dos seus maiores successos depois do tremendo que foi **A Divorciada, Beijos a Esmo** e **A Free Soul.**

Irving Thalberg Junior nasceu exactamente depois de cinco mezes da ultima scena de **Gozemos a Vida**. A sua volta, depois do nascimento do filhinho querido, deu-se com **Beijos a Esmo** e todos quantos a viram dizem que ella appresentou-se, neste, mais linda e mais admiravel do que nunca.

(Termina no fim do numero.

O Processo de

— Accusada, levante-se !

Sahiu ella do seu mutismo e do seu torpor. Olhou em redor de si. Depois obedeceu a ordem que lhe chegava aos ouvidos e, voltando-se um pouco para os lados percorreu, com os olhos embaciados, toda a sala immensa do jury que estava nesse dia mais repleta do que nunca e, da qual, milhares de olhos vinham feril-a numa angustiosa curiosidade, numa selvageria de interrogações.

Era o dia do julgamento della, ha dias a mais formosa e cobiçada das *estrellas* dos theatros de Berlim e, agora, uma simples ré deante de homens que iam julgar o seu crime.

— Qual é o seu nome?

Demorou um pouco a resposta. Desengastou-se ella do torpor que a invadia e, tirando de si a impressão cruel que lhe deixára o olhar que atirára á sala atraz de si e, lentamente, sempre, respondeu:

— Tilly Ferrantes.

— Sua idade.

— Já fiz vinte e nove annos.

— Residencia.

— Berlim.

— Profissão.

— Artista de theatro.

— Conhece o crime que lhe imputam?

— Sim.

— Allega alguma cousa para sua defesa?

— Uma unica: sou innocente.

Ella fora presa á sahida de uma das mais triumphaes *premières* e, dahi para deante, não tivera senão essa phrase: "sou innocente; sou innocente; sou innocente..."

Em duas tintas, o crime fora este: no ultimo acto, durante a representação da ultima scena, Tilly tinha que atirar sobre o galã da peça e, por convencionalsimo da mesma, villão, naquelle dia. O tiro foi disparado, concluiu-se a peça e depois de todos os applausos veiu a tragedia. Verificaram que o rapaz não mais se erguia e, puxando-o, os que ali se achavam, ainda certos de que se tratava de uma pilheria sua de máu gosto, constataram a sua morte.

Dahi para deante é que Tilly Ferrantes não deixára de allegar a sua innocencia e, bem por isso, mais curioso se tornára o publico immenso que acompanhava as peripecias daquelle caso interessante.

Era por isso que ali, deante daquelle juiz de feições severas, reunia-se, compacta, uma das maiores multidões que já haviam comparecido, até aquella data, á um julgamento qualquer. O processo ia finalmente ser concluido e como a opinião publica se dividisse em prós e contras, aquelle dia, para o publico, amante maximo de emoções, nada mais era do que uma *decisão* de importancia, tão importante como um *match* de *football* ou um jogo de *box* sensacional...

Tilly Ferrntes, com a palavra, desdobrou, deante dos ouvidos e principalmente dos olhos dos que a contemplavam, mais linda do que nunca, o rosario dos seus dias passados, desde a vespera do seu conhecimento com George Moeller, a sua supposta victima. E com a sua narrativa, firme e segura, ia-se elucidar, finalmente, aquillo que já era obsecação em Berlim: o processo de Tilly Ferrantes.

A voz morna e ardente daquella mulher começou a atirar aos ouvidos esfaimados da multidão os detalhes do seu caso.

— Terminei uma temporada e senti-me cansada. Quiz rever a Italia. Lá me senti sempre tão bem e tão gostosamente, tenho lá descansado os dias do meu passado feliz. Ia commigo um homem que, para este caso, pouco importa quem elle seja. Eu suppunha amal-o, mas quando elle me telephonou, na vespera da partida, avisando-me que não poderia ir commigo, comprehendi que não era amor o que sentia por elle, e, sim, curiosidade que se desfazia. Mas só era-me impossivel senão impraticavel viajar. Além de não gostar de viajar só, a féria seria insupportavel, sem companhia e, assim, resolvida estava a não ir mais, quando, do theatro, telephona-me uma antiga collega, criatura bonissima que até hoje estimo e me diz que precisava do meu auxilio. Tratava-se de uma sua velha conhecida, uma infeliz e simples ex-artista que se via em difficuldades. Tinha um filho, numa cidade do interior a representar para uma companhia de terceira categoria e como tinha saudades delle queria que alguma artista de posse auxiliasse a sua viagem. A cidade que ella citava era justamente no caminho da minha viagem e, assim, senti-me feliz pela companhia que assim quasi do céo me me cahia. No dia seguinte, partimos, a senhora Moeller e eu para a visita que ella ia fazer ao filho e para o passeio que eu ia dar á Italia.

Na estação aguardava-a um moço realmente sympathico e muito distincto. Era George, o seu filho e aquelle, que, neste momento, acusam-me de haver assassinado criminosamente... E foi por causa dessa simples parada de trem que hoje me sinto, a mais infeliz de todas as criaturas.

Na sala não havia o menor ruido. Todos tinham as attenções fixas nella e Tilly, simples, linda e sincera, continuou a falar na sua maneira adoravel do costume.

— Fiquei naquella cidade. Sim! Na Italia não havia um só coração amigo a me esperar e a solidão mais me atacaria os nervos do que uma temporada de responsabilidade. Além disso aquella cidadezinha era esplendida e havia aventura e algum romance naquillo tudo. Fiquei... Talvez a minha vaidade de mulher, talvez o capricho do destino operaram aquillo que eu já devia esperar quando ali saltei. George esqueceu-se da noiva, esqueceu-se de tudo: apaixonou-se brutalmente por mim. Constantemente juntos, tanto mais que eu me hospedára em sua propria casa, foi em nós despertando um interesse mutuo que nelle fezse paixão e em mim curiosidade. Eu era muito mais vivida do que elle. Faltava-lhe a experiencia capital para um momento assim. Além disso eu senti um máu sentimento de me alegrar com o roubo daquelle homem dos braços de uma outra mulher e, assim, entreguei-me ao seu carinho com a ansia de alguem que procura a felicidade e elle, louco de paixão, com a furia do homem simples que conhece o primeiro amor violento.

Desta vez fez ella uma pausa maior e depois de se refazer, voltou á narrativa

Tilly Ferrantes

(ES GIBT EINE FRAU DIE DICH NIEMALS VERGISST) — FILM DA UFA —

LIL DAGOVAR .... *Tilly Ferrantes*
Ivan Petrovich .... *George*
Helene Fehdmer .... *Madame Moeller*
Gaston Jacquet .... *Duque*
Director: — LEO MITTLER

que ninguem ousava siquer com um respirar mais forte interromper...

— Terminou a minha féria. Precisei voltar. Em Berlim, tempos depois, o que constatei é que não tinha amor a George e, sim, curiosidade pelo seu sentimento altamente rustico e profundamente selvagem, no seu amor. O homem que me deixára na vespera de irmos para a Italia, voltou á minha vida e, distincto e delicado como era, não poude deixar de me fazer voltar ao coração a antiga paixão pela vida da cidade esquecendo-me quasi que por completo do incidente da aldeia. Mas um dia George, o homem mais ciumento que já encontrei em minha vida, veiu á cidade. Procurou-me, doido de paixão, mesmo antes de procurar sua mãe. Eu o recebi, eu alegrei-me mesmo, com a sua visita e apesar de não ser mais do que amisade o que por elle sentia, senti-me no dever de ali o auxiliar. Colloquei-o na companhia, para começar com pequenos papeis e á sua mãe, em fórma de emprestimo, adeantei o dinheiro preciso para que elle comprasse roupas e deixasse o seu todo de roceiro que em Berlim tornava-se insupportavel. Dali para deante foi supplicio a vida delle e tormento, a minha. Tudo lhe fazia ciume. Tudo o tornava doido e eu, sem ter culpa de o não amar, sujeitava-me a tudo quanto elle me fazia, vigilancias, offensas, etc., apenas porque tinha pena delle e não o queria, na realidade, ver soffrer daquelle modo.

E afinal, já quasi vencida pelo cansaço, Tilly entrou pela phrase final da narrativa.

— Um dia elle se exaltou e intimou-me a despachar para sempre o homem que, confesso, era meu amante. Mas intimou-me em termos descortezes e no impeto que a paixão lhe punha na cabeça desvairada. Achei desaforo aquillo e, pela primeira vez não controlando meus nervos, disse-lhe, rosto a rosto, o que delle pensava, o que por elle sentia e, ainda — o que não devia ter feito, arrependo-me hoje, — o quanto tinha feito por elle sem que elle soubesse, fornecendo-lhe a propria roupa que vestia... Aquillo chocou-o mais do que uma bofetada e sem acreditar, rapido, como doido, sahiu á procura de sua mãe que

(Termina no fim do numero).

com Bill e dava, em seguida, todos os seus motivos. Isto foi a tres mezes, tres justos mezes antes da data do seu matrimonio, 28 de Junho. Por que mudou ella de idéa?...

Acham-se ambos em Honolulu, agora e passam, lá, uma lua de mel que não irão prolongar demasiado por cousa de suas carreiras. Mas o facto delles estarem lá, longe de mim, dá-me mais coragem para escrever cousas intimas, sobre ambos...

Carole trocou de idéa, por dois motivos: o primeiro delles, porque ella era muito joven (tem vinte e dois annos) para comprehender que o amor pode ser intelligente e conquistar; o segundo, porque Bill Powell "mudou de conducta".

Este ultimo motivo, aliás, é uma cousa do dominio de todas as suas amisades. Os que com elle convivem sabem, perfeitamente, o quanto elle tem mudado de maneira de pensar e agir. Quando elle encontrou Carole, pela primeira vez, isto em Outubro do anno passado, elle era demasiadamente egoista. Sim, era um defeito detestavel que Bill tinha: era egoista ao extremo! E creio que você não se vae zangar commigo, Bill, tanto mais que eu sei que você proprio já reconheceu isto junto a uma roda de amigos seus com os quaes tambem me dou.

Pensando bem, no emtanto, como poderia Bill agir de outra maneira? Seu divorcio é recentissimo, todos sabem, mas o que muitos ignoram é que a separação de ambos é de longa data. A mulher não o comprehendeu e elle não mais a supportou. Deixou-a. Elle tinha seus habitos: levantava-se á hora que queria, ia onde entendia, dormia onde lhe soubesse melhor. Era o typo do homem que faz tudo quanto imagina e quer...

A unica cousa á qual elle prestava obediencia, era o Studio. Os que com elle conviveram no Studio da Paramount, durante cerca de quatro annos, poderão affirmar se elle era ou não um "arranja encrenca" de primeira. Elle queria dictar o menor detalhe de cada Film. Era tão difficil encontrar uma heroina para um seu Film, quanto entender a theoria de Einstein... A propria Kay Francis

"Carole Lombard mudou de idéa..." Eis o titulo que demos a este artigo. Devem-se lembrar do anterior que publicámos, ha certo tempo, sobre Carole e William Powell, o qual haviamos escripto depois de termos conversado com Carole e no qual ella affirmava que não se casaria

Carole

Foi um casamento simples, modesto, mesmo. Não teve nada dos matrimonios espectaculosos de Hollywood. Carole trajava um vestido leve de *chiffon* azul sem chapéo ou véo. William Powell, um terno cinza claro. A' noite, ficaram até tarde conversando no *living room* do lar que elle construiu para ella com as pessoas de ambas as familias, os unicos convidados para a cerimonia, até que Carole prendesse a mão de Bill entre as della e dissesse, simplesmente: "Bem, vamos nos casar, Bill". E só. Nada de etiquetas, nada de phantazias, nada de praxes sociaes...

Depois de dizer o ministro as ultimas palavras, deram-se os braços e foram dar um passeio pelo jardim. Ninguem ouviu o que elles conversaram e nem o que disseram deante do espectaculo da natureza. Quando voltaram á sala, no emtanto, tinham os olhos brilhantes e um grande aspecto de felicidade gravado no riso feliz que abriam aos convidados. "Somos felizes". Disse-me Carole Lombard, quando a beijei para me despedir. Ella é muito minha amiga e eu sempre fui companheira para os seus dias de infelicidade e alegrias.

Depois as duas familias jantaram e já noite alta Mrs. Peters, mãe de Carole, telephonou a varios amigos do novo casal e convidou-os para visital-os. Seriam onze horas quando chegaram Richard Barthelmess e esposa, Clive Brook e senhora, os Ernest Torrences e varios outros do pequeno grupo de amisades de Bill e Carole. Ronald Colman achava-se em Santa Barbara e por isso não compareceu. De lá, no emtanto, não se esqueceu de enviar um extenso telegramma desejando a ambos todas as felicidades possiveis. Devem-se lembrar, os que nos lêm, que William Powell, Richard Barthelmess e Ronald Colman formaram uma trinca de solteirões inseparaveis. O primeiro a rompel-a, casando-se, foi Dick. Agora é a vez de Bill. Quando chegará o momento de Ronnie quebrar os seus votos anti-matrimoniaes?

Lombard mudou de idéa...

chegou a se aborrecer algumas vezes com elle.

Em poucas palavras: elle era absoluta e completamente egoista.

A primeira vez que elle falou em casamento a Carole, ainda era elle um egoista. Ella tinha que abandonar a sua carreira; devia viajar quando elle viajasse; viver, como elle vivia. Isto a propria Carole contou-me ha tres mezes, quando a entrevistei.

E depois?

Elle comprehendeu, só então, que ia perder Carole. Ella chegou a lhe dizer que durante tres dias não a devia ver. Ella lhe disse, ainda, que tinha lutado seis longos annos para conseguir a posição que tinha, no Cinema e que não seria por um simples motivo que abandonaria o seu ideal.

Ella não podia viver como elle vivia; ella viveria de comformidade com o seu trabalho; ella não poderia viajar quando elle entendesse viajar, a menos que as férias de ambos coincidissem nos Studios differentes em que trabalham; não podia acompanhal-o ao seu canto favorito, no Ambassador, quando precisasse ficar em casa para decorar os dialogos do dia seguinte; e precisava pensar muito em si. Não consentiria, além disso, que ninguem — nem mesmo alguem que a adorasse muito — interferisse com a sua carreira, a sua maior ambição, na vida.

Vendo Mahomet que a montanha não descia até a elle, subiu elle a montanha... Bill foi ter com Carole...

Quando ella tinha que estudar dialogos, elle tambem guardava aquelle momento para estudar os seus ou commentar os della com ella propria. Quando ella queria ficar em casa, com sua mãe e seus dois irmãos, elle tambem ficava em companhia della. Quando ella não o queria ver, elle ficava afastado della o tempo que ella quizesse. Começou a animar a carreira della. "Quero que sejas a maior *estrella* do Cinema!". Disse-lhe elle. "Auxiliarei você no que possa, para isso!". E era sincero, enthusiasta, completamente outro Bill Powell...

Um dia elle disse á alguem muito bom que elle respeita e estima — pessoa chegada tanto a elle quanto a Carole e á qual eu prometti não divulgar seu nome — "Alguma cousa me aconteceu. Sinto-me intimamente quebrado, modificado. Vejo a vida differentemente. Estou differente! Amo Carole. Só posso pensar nella e della não afasto um instante siquer o meu pensamento."

E' que Bill Powell esqueceu-se de si mesmo. O amor que elle sente pela sua querida Carole foi o operador desse milagre.

E Carole? Carole tambem cedeu. Ella cedeu, tambem em certos pontos que eram pontos de vista seus ha muito tempo; ella tambem era uma pequena independente e, paradoxalmente, dependente. Ha annos que ella dormia no mesmo quarto de sua mãe. Dos seis annos que tem de Cinema, apenas tres dias esteve longe de sua mãe. Foi durante uma *locação* a qual a velha não poude acompanhar, mas que teve de fazel-o afinal, para que Carole não voltasse, morta de saudade. Dois irmãos ella tem e, para elles, ella é tudo quanto elles mais admiram e estimam, no mundo. E a luta de Carole tem sido intensa.. Um Film ella fez para a Fox, com Edmund Lowe e não tinha ainda experiencia alguma. Quando o Film foi exhibido, surpresa teve ella quando viu que na maioria das scenas ella entrava de costas viradas para a *camera*... Nada sabia ella a respeito de *roubar* sequencias e Edmund Lowe, além disso, era um dos mais admiraveis mestres no assumpto...

Depois de algumas experiencias como essa, Carole passou quasi um anno no Hospital. Ella nem sabia se tornaria a andar... Era justamente um anno que a tolhia no mais intenso do seu enthusiasmo pela carreira que abraçára com fé. "Se eu tornar a sahir daqui, garanto que conseguirei successo!" Disse ella á sua mãe e a velha guardou a phrase.

A Pathé, depois, contractando-a, annunciou-a como uma potencialidade. Logo depois disso deu-se a chegada e o contracto de Constance Bennett para o *lot*. Disseram, ali, que ella era parecida com Constance. Prompto! Constance era *estrella* e ella apenas *featured*. Não era possivel que o Studio conservasse, assim, duas pequenas de identico typo. Não é para censurar Constance, mas foi ella a unica causadora do absoluto fracasso de Carole Lombard na Pathé.

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Aos nossos leitores:

No intuito de melhorar os fins da nossa secção e, ao mesmo tempo, facilitar todos os meios para que os nossos Amadores produzam os seus Films, começaremos hoje a publicar, embora esporadicamente, scenarios que foram concebidos especialmente para os Amadores.

Em todo o territorio brasileiro, ficam os nossos Amadores autorizados a usal-os, podendo filmal-os como melhor lhes parecer.

S. B. F.

AMOR PRIMAVERIL

Scena 1 — Exterior

Long shot de uma praia de banhos, durante o verão. Varias pequenas em trajes de banho da ultima moda, pyjamas, etc., passeiam ao longo da praia. Diversos rapazes se acham reunidos, a um canto da scena, interessados em qualquer coisa que nós não podemos ver.

Scena 2 — Exterior

Medium shot. O grupo de rapazes desvia-se, dividindo-se ao meio, e vemos então que elles se acham interessados por uma linda pequena, em um bello traje de banho, que sorri para elles, sob o seu guarda-sol.

Titulo

Uma Belleza das Praias.

Scena 3 — Close-up

O rosto da belleza das praias, em conversação muito animada. A todo momento ella sacode a cabeça, como quem diz "não", e mais vezes do que seria natural. Volte-se á

Scena 4 — Exterior

Scena da praia. A pequena recebe convites da parte de todos os rapazes, porém acaba dando-lhes sempre um formidavel contra. Um homem que acaba de chegar á praia, dirige-se para o grupo de rapazes. Pergunta a um delles, o qual é justamente um dos seus amigos, qual é a causa de todo aquelle excitamento, e o amigo lh'o explica. Elle pede para ser apresentado e o pedido é satisfeito. A pequena denota um olhar passageiro de reconhecimento, no momento em que elle olha para ella. Recobra, porém, a calma, sem que ninguem se aperceba. Elle diz:

Titulo

"Não percebi exactamente o nome".

Scena 5 — Exterior

(Continuação da Scena 4.) Elle entra para o grupo de rapazes, e faz um convite á pequena. Ella a principio recusa, porém depois acceita. Os dois afastam-se para a orla do mar, e, sentando-se na areia, iniciam um formidavel **flirt.**

Scena 6 — Close-up

Elle põe o braço ao redor della, e ella descansa a cabeça no hombro delle. **Fade-out.**

Titulo

De volta para os penates e o trabalho.

Scena 7 — Interior

No interior de um escriptorio, passado o tempo de férias. O homem encontra-se sentado a uma secretaria, no interior de um escriptorio particular. Aperta o botão da campainha, e a belleza da praia entra, senta-se, e prepara-se para estenographar qualquer coisa. Ella acaba o serviço, levanta-se, volta, e diz:

Titulo

"Desejo agradecer-lhe por não me haver denunciado".

Scena 8 — Interior

(Continuação da Scena 7.) Elle levanta o rosto, olhando-a, admirado. Depois dirige-se para ella e diz-lhe:

Titulo

"Sabe que desde o primeiro dia em que a empreguei no nosso escriptorio fiquei com um desejo louco de lhe expressar toda a minha admiração e o meu carinho?"

Scena 9 — Close-up

— Você não me dá um beijinho?
— Prefere "a la" Greta Garbo ou "a la" Clara Bow?

Um sorriso de alegria passa pelos olhos della. Os dois abraçam-se. **Fade-out.**

Scena 10 — Interior

O exterior do escriptorio. Outra secretaria encontra-se com ella, no momento em que ella sahe do escriptorio do patrão, e diz:

Titulo

"Como se foram as férias? Alguma novidade? Conheceu algum pequeno que você ainda não tivesse visto?"

Scena 11 — Interior

(Continuação da scena 10.) Ella senta-se á machina de escrever e diz:

Titulo

"Não. Os mesmos de sempre."

Scena 12 — Interior

(Continuação da Scena 11.) **Fade-out** della, continuando o seu trabalho na machina.

FIM

Nota

Para a Scena 2 use-se um guarda-sol claro. Os Interiores das Scenas 7 e 10 podem ser Filmados no mesmo **set**, apanhando-se o 7 de um angulo e o 10 de outro.

"QUANDO OS SANTOS AJUDAM"

Scena 1 — Interior

Sala de visitas. O papae trata de synthonisar o seu radio, para ouvir uma estação qualquer. Consegue-o afinal, e recosta-se numa poltrona para gosar a transmissão, quando a porta se abre e entram as crianças — tantas quanto for do desejo do Amador — marchando em fileira. A primeira entra batendo um tambor, a segunda tocando uma corneta. Os outros trazem chapéos de papel e espada de madeira. Estão brincando de soldados.

O papae acha-se immensamente aborrecido com a "interferencia", e diz ás crianças para se irem a qualquer logar. Ellas continuam a sua parada ao redor da sala, e depois ao redor de outro quarto.

Scena 2 — Interior

A cosinha. A mamãe está acabando o doce para o jantar. Ella olha para o fogão examina as panellas, e termina o seu trabalho. Vae tirar o doce do forno, quando as crianças entram marchando. Ella volta-se para castigal-as, com a fôrma do doce nas mãos e queima os dedos. Diz:

Titulo

"Como se eu não tivesse que fazer, vocês ainda me vêm tornar maluca com todo esse barulho!"

Scena 3 — Interior

(Continuação da Scena 2.) Ella os conduz á porta que dá para fóra. Os soldados estão arrependidos com o seu procedimento. Formam de novo em fileira, e fazem uma retirada solemne.

Scena 4 — Exterior

No exterior da casa. A porta da cosinha abre-se e as crianças sahem marchando, desapparecendo de scena ao dobrar uma das esquinas da casa.

Scena 5 — Exterior

A camara deve focalizar a janella da cosinha. Mamãe abre a jenella e colloca o doce no rebordo, para esfriar. Ella examina-o com um olhar de satisfação, e então desapparece de vista.

Scena 6 — Close-up

De um vagabundo, rondando a grade, ao redor da casa.

Titulo

Jóca Felicidade, um pobre coitado que almoça não le vespera, quando encontra quem lh'o dê...

Scena 7 — Exterior

Elle olha ao redor, distrahidamente, e então alegra-se ao ver

Scena 8 — Close-up

O doce no rebordo da janella.

Scena 9 — Exterior

Mostrando a casa e o vagabundo. Este dirige-se para a janella da cosinha, e retira cautelosamente o doce que está esfriando.

Scena 10 — Close-up

De mamãe, ao notar o que se está passando junto á janella.

Scena 11 — Interior

A mamãe correndo para a janella.

Scena 12 — Exterior

Ao lado da esquina da casa. O batalhão está prompto para voltar. O commandante dá ordem de marcha, e o corneteiro usa um apito para executar ordens.

Scena 13 — Close-up

Do pequeno corneteiro, apitando com todas as forças.

Scena 14 — Exterior

O vagabundo pára subitamente, denotando um medo colossal.

Titulo

Um apito, para Jóca, sempre significou um policia...

Scena 15 — Exterior

(Continuação da Scena 14.) Elle abandona o doce, e desanda a correr em direcção ao portão. A mamãe abre a janella, olha para o exterior, percebe a situação, e sorri.

(Termina no fim do numero).

O filho prodigo

(THE PRODIGAL) — FILM DA M.G.M.

LAWRENCE TIBBETT . . . . *Jeffry*
Esther Ralston . . . . *Antonia*
Cliff Edwards . . . . *Snipe*
Roland Young . . . . *Doc*
Purnell B. Pratt . . . . *Rodman*
Hedda Hopper . . . . *Christine*
Emma Dunn . . . . *Mrs. Farraday*
Stepin Fetchit . . . . *Hokey*
Louis John Bartels . . . . *George*
Theodore Von Eltz . . . . *Carter Jerome*
Wally Albright Jr. . . . . *Peter*
Suzanne Ransom . . . . *Elsbeth*
Gertrude Howard . . . . *Naomi*
John Larkin . . . . *Jackson*

Director: — HARRY POLLARD

Um dia, por questões de importancia para o seu caracter, Jeffry precisou deixar o seu lar, o lar de sua bondosissima mãe e do seu passado aventuresco e curioso, para fugir. A fuga era o mais airoso para elle, e, assim, nada mais lhe restava senão pela mesma, optar.

Agora, depois de annos e annos na vagabundagem, apenas vadio e nada mais. Misturado aos velhacos mais completos e membro da sociedade mais absoluta dos vagabundos das paragens que escolheu para serem as suas, agora, Jeffry queria voltar. Havia sua mãe que elle não podia esquecer e a saudade que della sentia era alguma cousa que seu coração não podia calar.

Ha, no emtanto, entre o seu lar e elle, a figura velhaca do seu irmão Rodman um homem inexplicavelmente, sim, porque todos os seus eram boas pessoas e apenas Rodman era cruel. Além muito além de tudo quanto se pensava ia o aviltamento moral daquelle homem. Que o disesse Antonia, a sua meiga esposa, aquella que melhor poderia contar ao mundo quem era Rodman Farraday. .

Era justamente esse irmão que o impedia de voltar. Temia encontral-o. Temia o desagradavel todo de o ver e tinha razões particulares para isso. Estas, no emtanto, eram suas e ninguem as precisava conhecer.

A força que o attrahia para a casa dos seus, no emtanto, era maior do que elle mesmo. Não resistiu. Entrou pela casa a dentro, uma noite e poz alegria e contentamento no coração agoniado de sua mãe. Contou-lhe suas aventuras e depois de um banho, cousa que raras vezes via, um confortavel jantar e roupas limpas, falou. O que contou, foram aventuras e mais aventuras, cousas que deliciaram a sua mãe que o adorava, apesar de tudo.

Dias depois teria elle ha muito deixado aquella casa, se seus olhos não houvessem tocado Antonia e seu coração não houvesse, de prompto, sentido por ella aquillo que seus labios não ousavam dizer da esposa de seu irmão.

Demorou-se Jeffry, apesar da opposição de Rodman e demorou-se, infeliz, porque sentia que não podia deixar mais a companhia daquella criatura que, para elle, era mais do que tudo, no mundo. Antónia não se fez desapercebida ao affecto que lhe votava Jeffry. A personalidade delle, a sua vitalidade, o caracter que lia no seu menor gesto, no seu mais simples traço, eram cousas que a puzeram atordoada deante do que ninguem sequer poderia suppor: amal-o. No emtanto, amou-o. Talvez o quizesse, mesmo, mais do que elle a ella. E ao passo que esse amor progredia, mais Rodman se enfurecia e mais ameaçava Jeffry com um perseguição até policial se em breve não deixasse o lar de sua mãe e delle. . .

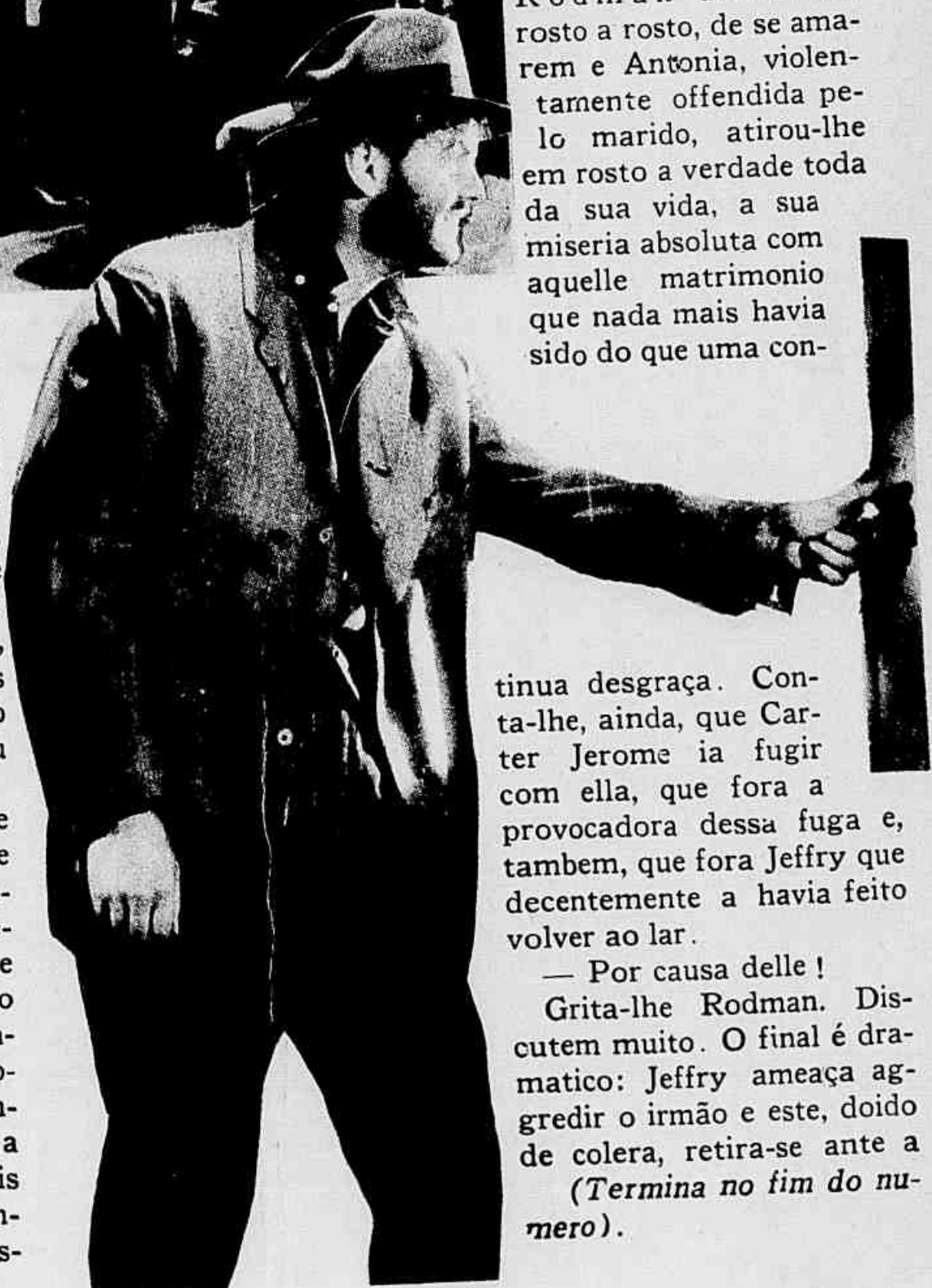
Antonia, tempos depois, percebendo que era irremediavel a paixão que sentia por Jeffry, resolveu desviar completamente o rumo da sua vida e como Carter Jerome, um antigo namorado seu, ainda a quizesse, telephonou-lhe e combinou a fuga com elle, para ser sua, para sempre, fugindo assim, ainda que com o mais intenso dos soffrimentos, da paixão que já não podia esconder pelo irmão de seu marido.

Mas Jeffry percebeu o lance da fuga e, tirando Carter Jerome do caminho de Antonia, reconduziu-a ao lar de seu irmão. Disse-lhe que não fizesse aquillo. Que era inutil, arriscado e terrivel o que procurava fazer. Fel-a comprehender a necessidade de supportar até ao fim a sua cruz e quando terminou a serie de conselhos a Antonia, sentiu que elle era o mais culpado de todos. . . Comprehenderam naquelle momento os respectivos intimos e, irresistivelmente, tocaram-se os labios num beijo que foi mais intenso do que a vida e mais apaixonado do que tudo, neste mundo.

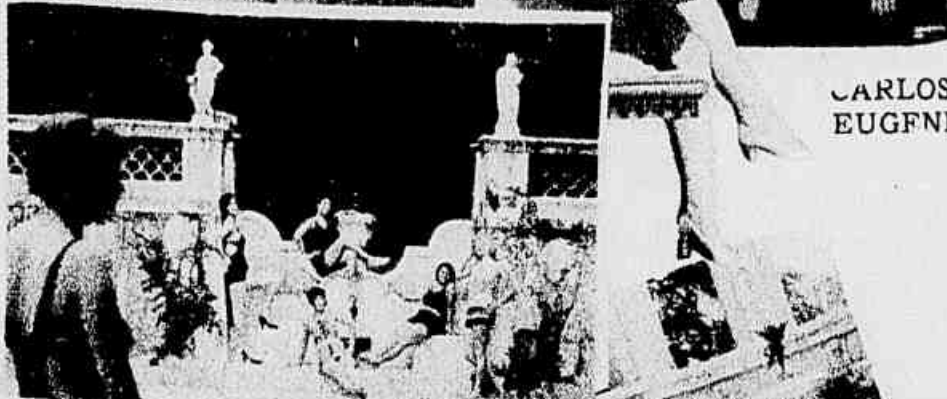
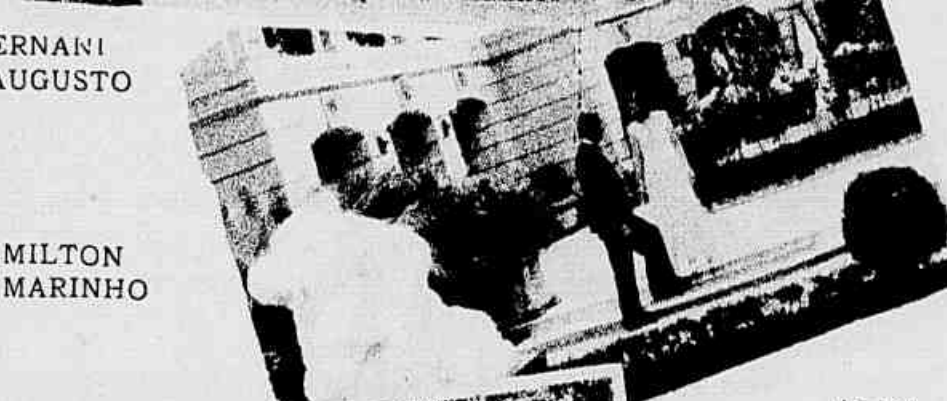
No dia seguinte, Jeffry resolvido estava a deixar aquella casa e voltar, assim, á sua vida de antes. Comprehendia que era impossivel aquella paixão e sentia que ella ainda o iria desgraçar. O peor era que Antonia correspondia ao seu affecto e isto é que mais o torturava. Mas elle não tinha coragem de tirar á seu irmão a esposa e, por isso, capitulava: partiria no dia seguinte.

Mas o dia seguinte trouxe, para elles, os apaixonados Jeffry e Antonia, uma solução que elles não esperavam. Rodman accusou-os, rosto a rosto, de se amarem e Antonia, violentamente offendida pelo marido, atirou-lhe em rosto a verdade toda da sua vida, a sua miseria absoluta com aquelle matrimonio que nada mais havia sido do que uma continua desgraça. Conta-lhe, ainda, que Carter Jerome ia fugir com ella, que fora a provocadora dessa fuga e, tambem, que fora Jeffry que decentemente a havia feito volver ao lar.

— Por causa delle!

Grita-lhe Rodman. Discutem muito. O final é dramatico: Jeffry ameaça aggredir o irmão e este, doido de colera, retira-se ante a *(Termina no fim do numero)*.

Film da Cinédia

LUIZ SORÔA E RUTH GENTIL

CARLOS EUGENIO

ERNANI AUGUSTO

MILTON MARINHO

ALDA RIOS

CARMEN VIOLETA E CELSO MONTENEGRO no mais formidavel drama de amor!

UM RAIO DE LUZ NUM MORRO ESCURO DO RIO...

UM ROMANCE PROHIBIDO...

UM GRITO AOS INSTINCTOS PRIMITIVOS PARA SALVAR O SEU...

A MULHER E O MUNDO, SOB A MASCARA DO ROUGE E DO PÓ, DE ARROZ ELLA ERA A MAIS AMOROSA, A MAIS SOFFREDORA...

A ODYSSEA DE UMA MULHER BONITA! UM "COCK-TAIL" DE EMOÇÕES E AVENTURAS...

QUE VESTIDOS! QUE AMBIENTES! NUNCA UM FILM BRASILEIRO SE APRESENTOU TÃO CHIC!

A VIDA PRIVADA DE UMA MULHER

CARMEN VIOLETA VIVE EPISODIOS HUMANOS, INTENSOS, ABSORVENTES E TODAS AS ANGUSTIAS DE UM CORAÇÃO DE MULHER...

TODAS AS MULHERES SÃO IGUAES. MULHER E' DIFFERENTE!

UM FILM MACIO COMO SETIM, ESQUESITO COMO SEDA E INTIMO COMO O TITULO...

OS OLHOS TRISTES, O SORRISO, AS LAGRIMAS... A ALMA TODA DE

CARMEN VIOLETA!

UM POUCO DO CORAÇÃO DE UMA MULHER.

as mulheres fazem a historia

MULHER

faz o Cinema Brasileiro

Gloria Swanson já não é a mesma

(Conclusão do numero passado)

Tudo pelo Amor foi um Film no qual ella fez a sua estréa no Cinema falado. Ha tempos longe das telas, porque depois de **Seducção do Peccado** ella fizera **Queen Kelly** e o Film, afinal, foi archivado sem ser exhibido, e, com isso, conservara-se ella algum tempo longe do publico. A sua **volta** foi coroada de exito. Foi um Film que a elevou enormemente **Que Viuva!**, no emtanto, já fez essa mesma opinião cahir muitissimo.

Teria mudado o gosto do **fan**, normal?... Quererá, elle, assistir, representado por ella, alguma cousa differente que mais o emocione?...

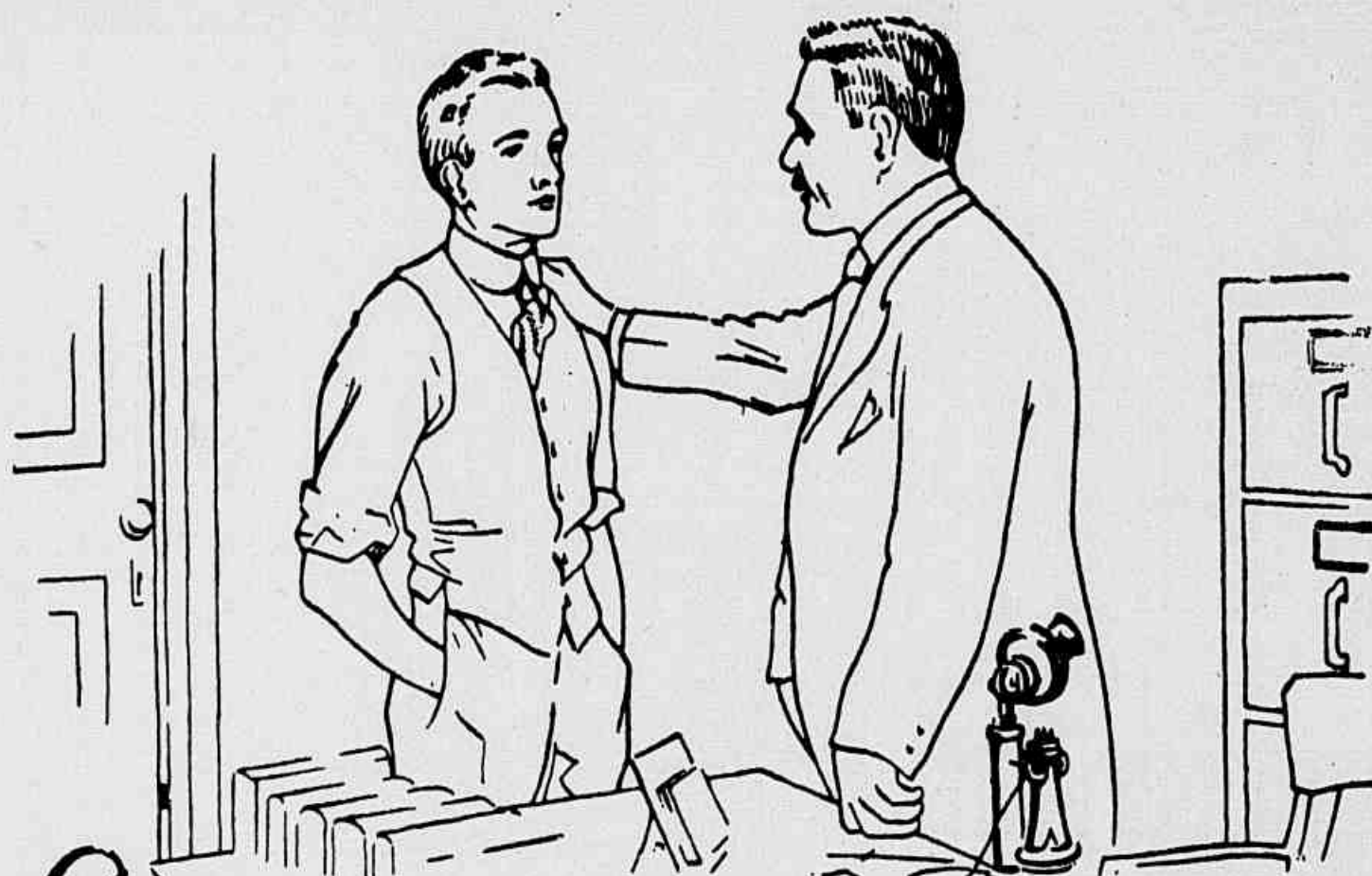
Quando chegou o Film falado, com ella não aconteceu o que acontecera com outros collegas seus. Ella não se amedrontou. Calmamente estudou os seus problemas e, em seguida, encetou o seu primeiro trabalho segura do seu exito. Durante vinte e um dias ella, Edmund Goulding, seu director e Laura Hope Crews, sentaram-se em torno da mesa de trabalho e atiraram-se ao trabalho de fazer um rapidissimo Film com fé immensa. Leu ella centenas de argumentos e escolheu um bom, aliás. O Film foi um successo!

Hoje, **Rockabye** é o argumento que a seduz. Ella o acha admiravel e o quer fazer. Ha uma divergencia sobre este ponto, no emtanto, e, assim, provavel é que ella faça **Rockabye** sómente depois de um outro.

— Depois de cada Film que faço, torno-me mais critica de mim mesma. Se aquelles que faço não são melhores do que os precedentes, não é por falta do meu esforço.

Uma cousa que póde explicar isso, é o que se sente nos seus Films recentemente exhibidos: uma especie de canseira, de abatimento que denota um trabalho demasiadamente exhaustivo e, por isso mesmo, não satisfazendo. Mas tambem póde ser, por sua vez, que ella tenha feito muito poucos Films e, assim, desapparece mais do que apparece e, com isso, esquece-a o publico. Sómente póde ficar longo tempo sem fazer um Film e, em seguida, apparecer e vencer, da mesma forma, Charles Chaplin. Os outros, não.

Depois de **Tudo pelo Amor**, ella enthusiasmou-se muito pelo seu novo genero de trabalho e propoz-se financiar todos os seus Films. **Que Viuva!**, no emtanto, modificou totalmente esse seu ponto de vista...

— Quando a United me pediu para financiar **Indiscreet**, senti, como que, um enorme allivio. Não teria que me aborrecer com mais nada e os outros já me haviam dado sufficiente dor de cabeça... No emtanto, póde estar certo disso, não abandono o terreno da producção, absolutamente! Farei um por minha conta e um por conta da United, alternados. Espero, desse modo, fazer tres Films por anno, um meu e dois da United.

A explicação verdadeira, creio ser esta: argumentos escolhidos ás pressas, directores pouco interessados pelos mesmos e ella propria desanimada por qualquer motivo. Dêem-lhe mais cousas de valor, directores de facto e depois veremos...

O mysterio da meia noite

(Conclusão do numero passado)

— Tom!

— Sim, vou matar-te! Amanhã todos saberão que Gregory não mentiu quando affirmou que tinha sido teu assassino...

— E' covardia tua, Tom! Gregory não poderá ser tomado por assassino!!!

Nada mais disse. Um tiro certeiro varou-lhe o coração e, segundos depois, atirado pelas mãos de Tom, rolava o corpo de Mischa Kewelin para o mar...

No dia seguinte, diante de Gregory, absolutamente apavorado com o que via, Tom accusa-o de ter realmente levado a sério uma brincadeira e morto Mischa Kewelin, o violinista russo.

— A forca, Gregory, infelizmente a forca...

E' como termina elle as suas declarações. Madeline, nervosa, não mais se contendo, atira-se sobre o corpo inanimado do morto e, trahindo-se a si mesma, bem diante do marido pallido e mortalmente ferido no seu amor proprio, beija-o e lhe grita, num extremo anseio, o quanto o amou.

Sally approxima-se della. Ao approximar-se, nota, na mão de Mischa, um botão que reconhece ser do reposteiro exactamente da sala onde haviam Micha e Tom discutido, na vespera, antes de ser elle assassinado. Sally tira-o dos dedos crispados do morto e, cerebro fertil, immediatamente idealisa um plano para apanhar o criminoso em flagrante.

Naquella mesma noite, emquanto Gregory espera a policia para ir cumprir o seu infeliz destino, Sally seduz Tom e este, ha muito tonto de paixão por ella, vae ao seu quarto onde espera encontrar a paixão daquella mulher. A's suas declarações, Sally declara que se matará se elle lhe tocar. Tom, numa arrancada, toma um copo que está sobre a mesa e, sorvendo-o, quer com isso estimular-se para melhor beijar a criatura que tanto quer.

— Veneno!

Grita Sally numa angustia.

— Veneno?...

Pergunta, afflicto, Tom.

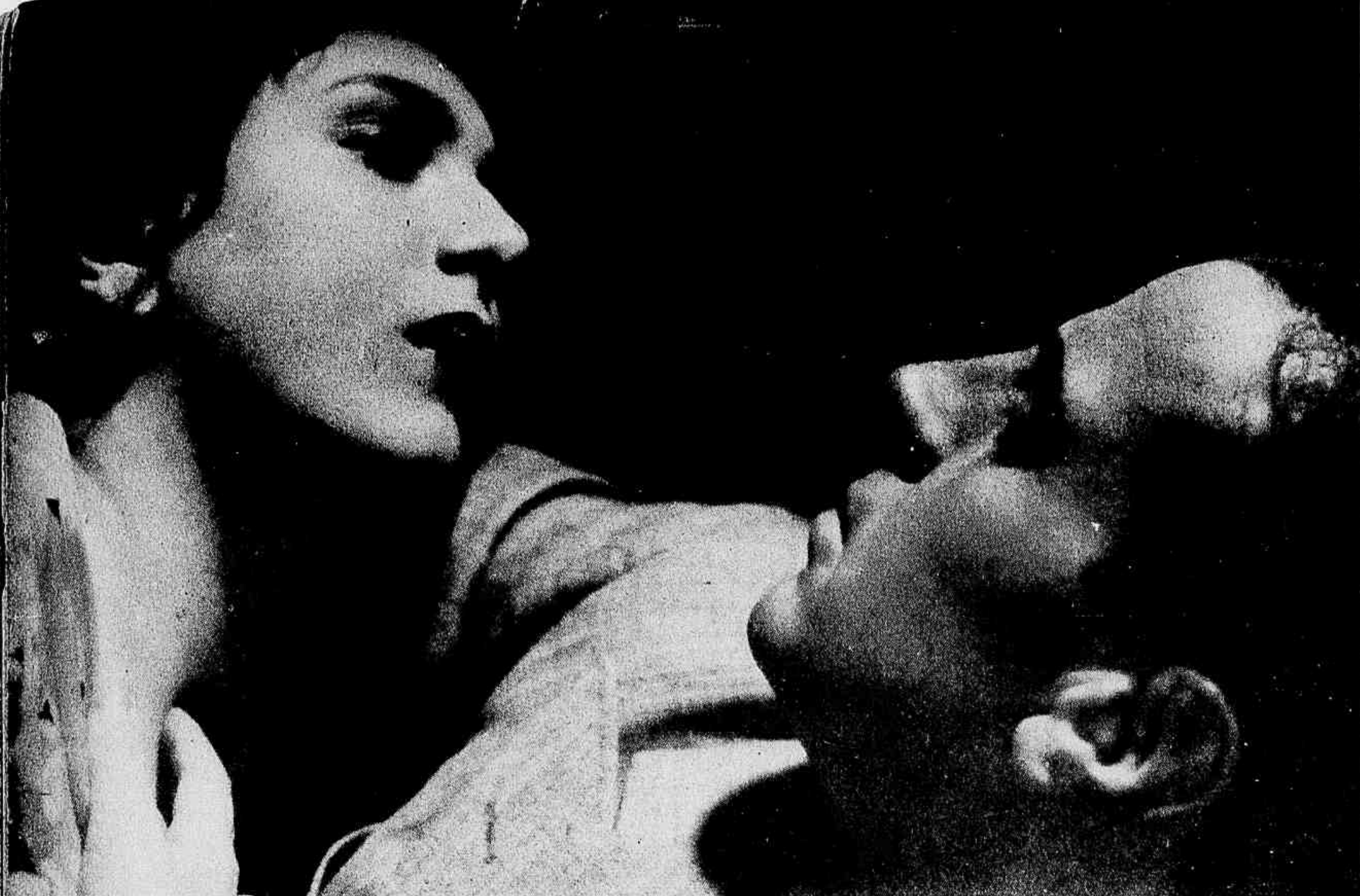
— Sim, era o veneno que eu havia preparado para mim, caso você quizesse forçar-me, Tom...

E, fingindo desolação, mais ainda convence ella ao suggestionavel Tom que tinha sido veneno o simples sedativo que havia ingerido...

Já no estertor da morte, Tom, altamente nervoso com tudo quanto se vinha passando, confirma que "os criminosos confessam tudo na hora da morte" e, sem mais se conter, relata que fôra seu o crime e nada tendo Gregory com isso, portanto...

A alegria é geral e Tom, percebendo o ludibrio, cega-se de raiva, mas impotente é para reagir contra uma mulher de cerebro tão imaginoso quanto Sally Wayne...

Dias depois Tom dava entrada numa prisão e Sally casava-se com Gregory. Era o capitulo mais feliz da sua vida, aquelle que Sally escrevia naquelle momento...

Uma Louca

(LA FOLLE AVENTURE) — FILM DA J. P. DE VENLOO

MARIE BELL .... *Nelly*
Marie Glory .... *Elizabeth*
Jean Murat .... *Fred Stubert*
Jim Gerald .... *Jubine*
Silvio de Pedrelli .... *Lorenzo*

Director: — CARL FROELICH

Quando Fred Stubert, um dos mais activos *reporters* do "Globo", achava-se em communicação com o seu collega Jubine, de Paris, achando-se Fred em Genebra, interrompida é a conversa dos dois por um grande alarido que se ouve da rua e, subindo, attinge o quarto do hotel onde Fred se encontra. Não mais podendo falar, Fred pede ao amigo que espere e, indo ver do que se trata, volta, depois de cessado o maior capitulo do ruido, e informa-o de que o riquissimo banqueiro Schiller havia sido assassinado em plena via publica.

A' tarde, Fred ainda na pista do assassino, porque, sem duvida, essa seria uma estupenda reportagem, ouve elle passos no corredor do hotel, passos agitados e mal abafados. Corre a ver quem é, e surprehende-se com o encontro que tem com um rapaz de aspecto amedrontado e que, empurrando-o ligeiramente, afasta-se como alguem que tem alguma culpa sobre si. Afastando-se esse, Fred segue-o e só cessa de o acompanhar depois que passa ao lado da porta de um quarto pouco mais distante, de onde, violentos, ouve os soluços de uma mulher. Não hesita. Abre a porta e, sobre o leito do quarto depara, surpreso, com um quadro: uma linda mulher, sobre o mesmo, soluça, violentamente e, vendo-o á porta, mesmo sem perguntar quem elle é, atira-se a elle e, em voz quente e apavorada, pede-lhe que a tire dali, que a ajude, que a salve e que "depois ella lhe diria qual o motivo"

Rapida foi a decisão de Fred. Elle esquece o "Globo", o crime, tudo o mais. Interessa-lhe apenas aquella linda mulher. Promette ajudal-a e, para cumprir a sua promessa, acompanha-a para a louca aventura que ambos vão iniciar.

Na fronteira com a França, pelo Radio elles ouvem a noticia de que a policia havia cercado todas as sahidas pela fronteira e, sem passa-porte, ninguem penetraria em territorio francez. A ansiedade é geral, em ambos e ella, sempre medrosa, dizendo-lhe apenas chamar-se Nelly, confessa-lhe que não tem passa-porte. Fred tudo faz para salval-a e, emquanto isto se dá, na fronteira com a Suissa, Jubine, de França, é enviado pelo redactor-chefe do "Globo" para averiguar o que ha com Fred a respeito do crime, tanto mais que Elizabeth, apaixonada de Fred, diz ter presentimento de que o mesmo se tenha envolvido em algum perigoso enredo amoroso.

Chegados a Lucerna, Nelly e Fred hospedam-se no hotel mais a proposito da localidade e Nelly, ao ver as malas de um recem-chegado, sobre as quaes ha a inicial S., amedronta-se e, a tal ponto que, esquecendo-se de tudo e mesmo de Fred, a quem tanto estava devendo, atira-se ao avião do "Globo" que acaba de chegar e aceita o logar que Jubine lhe offerece, sem a conhecer e apenas procurando ser gentil com uma senhorita.

Antes de partir, no emtanto, Nelly entrega a Jubine uma carta e pede, ao mesmo, que a entregue no quarto 116. Jubine assim promette e quando o avião começa o seu vôo, Nelly, sorridente para Jubine, mas pesarosa de saudade de Fred, a quem realmente começou a amar, dirige-se a Paris.

Jubine cumpre o que prometteu e quando a porta se abre acha-se elle na surpresa de se ver frente a frente a Fred Stubert. Vêm as explicações e Fred, aborrecido, sabe da noticia do vôo que Jubine lhe dá e recebe das suas mãos a carta.

Perdoado na sua falta de jornalista pelo redactor-chefe do "Globo", Fred promette dali para deante agir em defesa do seu jornal e, como primeiro passo para isso, enviado é a Berlim, onde, sem querer, tem novo encontro com Nelly e, isto no escriptorio de Irwin, um banqueiro americano amigo chegado de Spiller, o assassinado. Nelly, na

verdade, é sua esposa e, assim, a explicação que ella dá a Fred, no momento em que se encontram, é simples se bem que aborrecida para ambos. A chegada de Irwin põem termo ao quasi inquerito que Fred formula para as respostas de Nelly.

De novo em Paris, pista novamente perdida, Fred é enviado a Eze sur Mer, com Jubine, para, juntos, tratarem do caso. Dão-lhe uma Photographia de um tal Sorenzo e, este, aos seus olhos, toma o seu verdadeiro corpo e transforma-se naquelle que o tinha empurrado no corredor do hotel e do qual Fred ainda se lembrava. Em Eze sur Mer, Fred, numa diligencia jornalistica feliz, consegue, com ardil todo seu, a confissão cabal de Sorenzo, o qual, já cansado de tanta perseguição, diz que tinha documentos compromettedores de Spiller comsigo e, tentando com os mesmos tirar dinheiro ao

Aventura

millionario, fora ameaçado com cadeia e morte pelo mesmo. Ahi é que resolvera matal-o.

Fred prepara-se para prevenir a policia sobre o assumpto, quando Nelly, ali entrando, mais cheia de mysterio do que nunca, interrompe essa resolução de Fred, com uma phrase:

— E's a amante de Sorenzo?

Exclama elle. Mas Nelly nega que o seja e confessa-lhe que Sorenzo era seu irmão.

— Elle quiz tomar por mal dinheiro a Spiller. Este me cortejava, ha muito e eu quiz, assim, aproveitando-me disso, favorecer meu irmão. Elle tentou seduzir-me, realmente, e eu, para me defender, atirei sobre elle. Matei-o!

A confissão a b y s m a Fred. Maluco pela mulher que ama, Fred resolve salval-a. Atiram-se os tres a um bote a motor que se acha atracado ao trapiche e isto, justamente, para felicidade delles, no momento em que chega a policia para os prender.

Fogem. Organiza-se a perseguição. Feita a mesma, com pericia, são elles forçados, p a r a poderem fugir, a enfrentar uma medonha tempestade que se solta sobre o mar. Nella perece Sorenzo, tragado pelas ondas e, tambem, com o barco destroçado, Nelly e Fred...

——oOo——

Mezes depois, em Paris, Jubine dá contas a Elizabeth do fim de Fred e sua aventura louca.

— Elle está bom e diz que deixou a França para sempre, menina, para viver feliz em companhia de Nelly. Mas não se aborreça! Eu farei com que elle volte...

A consolação que Jubine dá a Elizabeth é pouca. Maior é a ausencia de Fred que lhe retalha o coração amoroso.

:-: Fifi Dorsay deixou a Fox e ingressou para uma serie de apparições pessoaes nos palcos dos theatros da R.K.O., e seu circuito de casas de exhibição. Terminará o mesmo em New York e, lá, já tem ella contracto firmado para apparecer numa serie de espectaculos para o *Follies* de Ziegfield. Depois, então, pensará na sua volta a Hollywood e no seu novo contracto com outra fabrica.

:-: Antes de partir para New York, onde foi figurar em numeros de variedades em varios palcos, Lupe Velez, presentemente sem contracto algum, declarou aos jornalistas que a cercaram, na estação, que não se casou e nem se casará jamais com Gary Cooper: "o que ha entre nós não vae além de pura amisade. Elle me diverte e eu o divirto. E' isso, apenas! Quanto a casamento, não, ainda que elle fosse o "ultimo varão sobre a terra"... Naturalmente elles haviam tido uma briguinha minutos antes...

:-: *Muders in the Rue Morgue,* da Universal, novella de Edgar Allan Poe, tem scenario de Leo Birinski e Tom Reed e continuidade de Robert Florey. Bella Lugosi é um dos principaes.

:-: *Twenty Grand,* dirigido por Cyril Gardner e interpretado por Mae Clarke, Norman Foster, Ricardo Cortez, Slim Summerville e Marie Prevost, é um dos proximos Films da Universal.

:-: A Universal emprestou Lupita Tovar ao governo Mexicano para ella figurar num Film feito em Mexico. Aliás os mexicanos, agora, estão activando seus problemas de Cinema e entrando francamente na producção

A verdade sobre Norma Shearer

(F I M)

A première de **Beijos a Esmo**, no Carthay Circle Theatre, foi alguma cousa que não posso esquecer. Todos a queriam ver no Film e fóra delle, porque o assumpto era ousado e ella, agora Mãe, tinha curiosidades e principalmente para uma colonia de curiosos como a de Hollywood... Ella trazia um vestido de seda creme, collante, uma capa riquissima de chinchilla e uma orchidea maravilhosa sobre o hombro. Depois da scena final, quando Neil Hamilton a deixa só, no Mexico, toda a casa que assistia ao Film rompeu num applauso só, enorme, violento e sincero. Os que estavam perto della, affirmam que lhe viram lagrimas nos olhos e seu marido, seus paes, os paes delle, seu irmão Douglas Shearer, todos ali estavam para lhe prestarem o conforto do melhor e mais intimo applauso, aquelle dos entes que a estimam.

Eis um pouco da verdadeira Norma Shearer e do seu meigo romance com Irving Thalberg, uma das paginas mais delicadas de Hollywood e que até um bom Film daria. Agora ella vae deixar um pouco o genero malicioso dos seus ultimos Films e vae fazer a edição falada de **Morrer Sorrindo** (Smilin' Through), que Norma Talmadge já fez em forma silenciosa, ha annos. Será mais um dos seus triumphos e mais uma prova da sua capacidade sem limites, com certeza.

Mulher...

(F I M)

Afinal apossou-se della a coragem, de novo. Viu que nada lhe adiantaria, que apenas lhe restava abandonar aquella casa. Entrou, mesmo contra a vontade delle, pois queria ver sua mãe, ainda que fosse pela ultima vez. Encontrou-a afflicta, aborrecida e ainda maguada com ella...

— Se fosses decente e correcta, minha filha, elle não te expulsaria daqui!

Era a mulher que defendia o marido contra a propria filha, cega, absolutamente cega... Carmen quiz falar. Mas para que? Sua vida já era quasi uma ruina, para que arruinar a daquella confiante criatura, tambem? E, além disso, que adiantaria? Por acaso, se lhe contasse que o marido era o seu maior perseguidor, creria ella nessa affirmação?...

Retirou-se De nada lhe valia reagir, lutar.

Pouco além da porta encontrou o aleijado. Elle tudo espreitara, tudo vira. Ali estava, humilde, para despedir-se daquella que tanto queria. Depois, quando ella já se ia, satisfeita com aquella prova de amor que lhe dava aquelle humilde e infeliz, chamou-a o desgraçado e lhe entregou um enveloppe. Retirou-se rapido e não lhe deu tempo nem sequer para responder. Curiosa, ella o abre. Eram as economias do infeliz e que elle dava para que ella se sustentasse por algum tempo, até conseguir uma collocação que a salvaguardasse... Procurou-o, afflicta, queria ao menos agradecer aquella prova de fidelidade. Mas elle já se havia ido e ella comprehendia que era inutil tentar convencel-o ao contrario.

Já era dia quando ella chegou ao endereço que Milton lhe dera quando se despedira e lhe entregara o cartão com o ultimo beijo. A' porta surgiu uma criatura exquisita, desconfiada.

— Queria falar com Milton Marinho.

— Aqui não mora nenhum Milton, moça...

Ella sentiu que lhe arrumavam alguma cousa á cabeça. Perguntou de novo, talvez ella não tivesse ouvido bem. A mesma resposta. Então é que percebeu toda a extensão da sua miseria... Posta fóra de um lar por um homem que a desejava. Illudida por outro, no qual confiara cegamente e o qual a punha mais infeliz ainda diante do mundo. Que fazer?...

———

Semanas depois, morando na agua furtada de uma pensão pobre, Carmen tinha por companheira uma criatura de muita belleza e pouca moral. A luta que no seu intimo se travava, era insana. De um lado, os conselhos de Olga, perniciosos e ruins. De outro, os maus resultados das suas procuras de empregos... Cada qual que procurava, tinha uma phrase para ella. Um a achava boa para o emprego, mas... E vinha a phrase canalha. Outro, tambem, mas pedia-lhe um beijo como **luva**... Havia alguns que a achavam feia... E outros que a achavam bonita de mais... o seu ultimo recurso já se fôra Que lhe restava, pois?...

Naquelle dia, quando voltou para casa, plena tarde, encontrou Olga que ainda se vestia. Vendo o seu desanimo, antes de sahir ella lhe atirou um **baton**, offereceu-lhe um vestido e lhe disse que a vida era **aquillo**... Carmen queria resistir. Era impossivel que fosse aquella a unica solução!... Poz-se á janella... de lá, ouviu palmas. Era a sua senhoria que lhe vinha falar.

— Carmen, minha filha, eu preciso que desoccupe o quarto. Sei que não tem emprego. Dêem-me ao menos o quarto, para que eu o alugue a alguem que me pague! Eu vivo disto, minha filha, que hei de fazer?...

Ella comprehendia bem o que lhe queria dizer aquella mulher: Sabia que estava occupando um logar que podia estar dando rendas áquella criatura. Sabia, ainda, que ella até era boa de mais era não a pondo para a rua sem maiores commentarios...

E assim, quando a mulherzinha se retirou, ella tomou o conselho de Olga como o ultimo recurso. Tornar-se-ia uma **collega** perfeita daquella criatura e, assim, se outras afflicções lhe viessem, ao menos não lhe viria aquella de passar fome, como passava a ser posta fôra de um quarto, apenas por não ter dinheiro para pagar o aluguel...

Na rua, no emtanto, faltou-lhe a coragem. Tudo lhe parecia vago, emvolto em brumas. Não tinha coragem para nada e não sabia se devia, mesmo, procurar o primeiro braço que se lhe offerecesse...

Tentou dar alguns passos, tombou desmaiada. Desde a vespera que nada comia e a fraqueza total não lhe permittia maior raciocinio. Approximou-se um automovel que a recolheu e correram varios transeuntes.

Quando acordou, estava em companhia de Flavio Martins, um dos nomes mais conceituados das letras e da cultura intellectual da Cidade e alguem que ella absolutamente não conhecia...

Rodeava-a um ambiente de grande luxo e o todo do homem que a fitava denotava principio de embriaguez...

(Continúa no proximo numero)

Cinema de Amadores

(F I M)

Titulo

"Vamos dar uma fatia do doce aos garotos, por causa disto!"

Scena 16

De novo na cozinha.

Exterior

A mamãe dirige-se para a porta com a intenção de chamar os pequenos.

Scena 17 — Exterior

O batalhão apparece de novo, o corneteiro soprando o apito. O commandante, ao passar ao lado da janella, sahe da fila, apanha o doce, e sem ao menos deixar aquelle passo compassado de marcha, entra de novo em fila, sahindo com os outros de scena. Fade-out.

NOTA — Na Scena 11, filme-se a Mamãe correndo para a janella, mas em sentido contrario á camara.

O processo de Tilly Ferrantes

(F I M)

na minha presença, boa e simples como sempre foi, confirmou aquillo que eu fôra compellida pelos nervos a dizer-lhe. Cheio de dor, ferido, retirou-se elle da minha presença e só o vi no minuto anterior á nossa entrada em scena. Lembro-me que era o seu primeiro papel como 'galã e seria o triumpho da sua carreira. Haviam-me contado, tambem, que elle commettera desatinos de toda a sorte e que fôra ter ao theatro no minuto anterior á sua entrada, pondo todos que o rodeavam em polvorosa. Mas entrou em scena e, diante de mim, mais perplexo do que o publico, representou como nunca vi ninguem representar, viveu o seu papel de forma tragicamente esplendida. Era eu que elle via e para mim que representava. Na scena final, quando elle me offendia e eu lhe atirava, fiz a scena com perfeição auxiliada bastante pela sua expressão dramatica. Surpresa immensa foi a minha, surpresa tragica e triste, quando o vi morto aos meus pés. Era digno de melhor sorte, pobre George! Mas eu sou innocente! Não o matei conscientemente e pensei, com segurança, que o revólver tinha tiro de polvora secca, como sempre.

Eram suas ultimas palavras.

Uma unica pessoa estava em pé na sala e, tragica na cor preta das suas vestes, investia, lentamente, para a entrada do reservado dos advogados e juiz. Era a mãe de George Moeller.

Feito o juramento, sentou-se ella e falou. Contou a verdade das affirmações de Tilly e, quando chegou ao capitulo até ahi ignorado, disse que ella não tinha culpa. Fôra seu filho que, doido de infelicidade havia, elle proprio, carregado com balas authenticas o revólver e, não tendo coragem para suicidar-se, assim se entregava á morte pelas mãos daquella mulher que era a sua paixão desgraçada. Queria, assim, afastal-a do amante que era a loucura do seu ciume e, tambem, liquidal-a numa vingança de apaixonado demente.

Essa confissão a velha fez depois de ter negado a innocencia de Tilly e quasi a ter condemnado. Mas não resistindo á sua consciencia, apesar do odio todo que votava áquella criatura, a culpada da morte de seu filho, confessou. E Tilly a linda e esculptural Tilly Ferrantes, semanas depois estreava novamente no seu theatro de Berlim, mais querida, mais popular e mais admirada do que nunca...

Romance de Studio...

(F I M)

— **Sinto, creiam, mas que posso fazer?...**

Era inutil insistir com quem mandava mais do que elle.

Quando passaram o portão do Studio, sentiu-se ella profundamente desgraçada. Recebeu ella o dinheiro na caixa.

— Não devia ter feito isso! Fez, sem querer, com que perdesse o seu emprego.

— Não se importe commigo, sim? Senti que a sua doença era verdadeira e foi por isso que quiz protegel-a. Vou chamar um **taxi** para você.

— Não! Por favor... Eu não posso pagar um **taxi**!

—E como é que vae num omnibus dessa forma?

— De toda fórma, não posso pagar um **taxi**.

E apertou entre os dedos os sete dollars que havia ganho momentos antes.

— Isto...

E mostrou-lhe o dinheiro.

— E' tudo quando tenho. Desmaiei, creia, porque ha tres dias que não me alimento. Comprehende que não me é possivel gastar dinheiro algum.

Ella era uma criaturinha humilde, pequena e delicada. Inspirava espontaneamente piedade, protecção. Contra a sua vontade, no emtanto, elle chamou o **taxi**. Ella lhe deu o nome e endereço e elle, ao se despedir, passou-lhe para a mão alguma cousa que ella só pouco adiante percebeu que era dinheiro para o **taxi**.

— E' para o **taxi** e para um bom jantar!

Gritou-lhe elle, notando que ella o ouvia. O **taxi** parou. Voltou. Ella disse-lhe:

— Mas não póde fazer isso, você, um **extra**...

— Posso, garanto-lhe.

Depois, abrandando a voz, disse, num cochicho:

— Dá-me a sua palavra de honra como guardará um segredo?

— Dou!

— Pois bem. Lembra-se que me achou parecida com Michael Dorian, não é? Tinha razão. Eu me pareço com Michael Dorian, meu bem, porque eu **sou** Michael Dorian... O facto de eu ter figurado naquella scena não tem importancia, porque eu andava á cata de emoções e alegria para distrahir a minha vida monotona. Além disso o meu director disse-me que eu não teria capacidade sufficiente para vir a este **lot** e conseguir um papel de **extra** e eu, para ganhar a aposta que fizemos, vim e... venci! Nesta companhia os que me conhecem intimamente são poucos e foi por isso que ninguem deu pela cousa. Se soubesse como gosei aquella piada do director despedindo-me e falar em **lista negra**...

Ella nada respondeu. Seus olhos brilhavam com as lagrimas que expunham e ella, num unico gesto, antes do **taxi** rodar, beijou-lhe a mão, profundamente grata. Quando o carro se sumiu, elle tinha a impressão de que era feliz. Tinha conhecido pequenas de todos os typos e todos os estylos, mas aquella era alguma cousa que elle ainda não conhecia. Depois ficou olhando o papel com o endereço della e, guardando-o, em seguida, voltou para o portão de entrada do Studio e, chegando-se ao caixa, disse:

— Um cheque.

— O seu nome?

— Teddy Smith.

O caixa, olhando-o, resmungou, ao passo que recebia o cheque e lhe passava o dinheiro.

— Você é aquelle typo que se parece muito com a Michael Dorian, não é?...

O filho prodigo

(F I M)

ameaça e ante a velha mãe que contempla, profundamente abatida, a luta dos irmãos por causa de uma mulher...

O dia immediato traz o final do drama. Rodman, certo, intimamente, de que é um inutil e tendo sido, ha tempos, o autor da desgraça de Jeffry que motivara a sua fuga, mata-se. Falou-lhe uma vez a consciencia e elle não deixou de a ouvir. De facto, a morte, para elle, era a melhor solução...

Jeffry e Antonia, livres para se amarem, apenas decidem esperar que o tempo enxugue as lagrimas daquella que, apesar de tudo, era mãe e, depois, unem para sempre os seus corações que se querem intensamente, amorosa e apaixonadamente.

Hayakawa e Anna May Wong voltaram a Hollywood

(F I M)

Visitando Paris, aprendeu a falar francez. Em Berlim ella chegou a ser idolo publico.

Quando o **Graf Zeppelin** fez o seu primeiro cruzeiro, para Los Angeles, usaram o seu nome para publicidade e fizeram o mesmo conduzir quatro cegonhas de presente ao seu irmão, lá habitante.

Na Europa, sempre, Anna May Wong conseguiu os maiores successos.

— Eu quero continuar a minha carreira, porque, ainda que me digam o contrario, tenho a impressão de que consigo dar da China, minha Patria, uma melhor impressão atravez dos meus trabalhos e da minha educação. Além disso eu acho boa a fama e engraçada a fortuna. Póde não durar muito, isto tudo, e é por isso mesmo que eu estou procurando conseguir o mais possivel desta situação em que hoje me encontro, absolutamente feliz. Dizem que eu mudei radicalmente e que nem chineza eu mais me pareço.. Não é exacto. Ainda que tenha apparencia occidental, principalmente nos trajes, eu continuo intimamente oriental e cheia da philosophia dos meus, a mais profunda e a mais perfeita de quantas conheço.

———

Hayakawa teve um periodo realmente aureo no Cinema e começou a decahir, justamente quando Anna May Wong começou a subir...

(Conclue no proximo numero)

O moço mais triste do mundo

(Conclusão do numero passado)

saida á carreira artistica profissional de Phillips Holmes.

Terminado o Film, Frank Tuttle, o director, convidou-o a ir a Hollywood afim de tomar parte em mais Films. Elle não quiz, porque precisava concluir o seu estudo. Mas aconteceu que Hollywood delle precisou para alguns **shots** que precisavam ser refilmados e elle tomou um aeroplano e rumou para a California. A sua intenção era voltar dois dias depois, no maximo. O resultado foi nunca mais voltar...

Todos pensam e todos acham que o rumor e a seducção dos contractos da Cidade do Cinema é que o fizeram abandonar os estudos. Engano! O salario não foi máo, realmente e nem a vida sem conforto, mas o principal motivo delle ter ficado, é por ter achado que seu destino era ser artista e que inutil seria fugir-lhe...

Proseguiu, dahi para diante a sua carreira, com altos e baixos e depois de figurar em **The Silver Cord**, Phillips tomou parte em **A Volta de Sherlock Holmes**, Film este que foi feito em New York e para a qual transportou-se Phillips com o restante do **unit**.

Esse passeio a New York fez um extraordinario bem a Phillips. Elle já se sentia profundamente derrotado e desanimado. O encontro com amigos, com parentes, tornou-o mais disposto e, quando de regresso para a California, de novo, já levava comsigo a intima convicção de que devia proseguiur sinceramente no seu destino sem mais revoltas e sem mais desgostos. Foi por isso que se fez elle um resignado e dahi para diante com mais nada se rebelou e procurou dar cabal cumprimento á espectativa dos seus em torno da sua carreira artistica, tornando-a mais digna possivel.

O vicio da bebida que elle começou a adquirir, antes de ir a New York, afastou-se delle com a Filmagem de **Noivado de Ambição**, Film que lhe fez comprehender que para ser bom artista e vencer na opinião publica e na vida, era necessario ser sobrio, antes de mais nada.

Logo a seguir um dos maiores aborrecimentos da sua vida teve elle quando perdeu o **test** que tirou para **Sem Novidade no Front**, para o papel que William Bakewell teve. Foi ahi que tornou a desanimar e desistir, de novo, dos seus planos de reação.

Logo em seguida vieram-lhe os papeis que o têm animado, afinal de contas, quando já estava para voltar á bebida e ao desanimo absoluto. **Seu Homem**, um papel masculo e de folego, **The Criminal Code** e **Stolen Heaven**, um após o outro, deram-lhe posição e nome. Depois disso a sua escolha para **An American Tragedy**, por parte de Von Sternberg, foi alguma coisa que o poz entre os futuros **astros** da Paramount e o fez mundialmente famoso. O que virá daqui para diante, apenas o destino sabe. Phillips Holmes continua sendo um triste. Mas talvez a sua **estrella** hoje admiravel ainda o auxilie a dispersar do seu intimo esse pessimismo que quasi o tem aniquillado.

Carole Lombard mudou de idéa...

(F I M)

Removida, daqui para ali e, finalmente, destituida do seu contracto inutil, esperou ella sempre confiante a acção da sorte até que a Paramount chamou-a e contractou-a.

Foi a sua primeira e genuina opportunidade. Era a primeira vez, depois do **mergulho** que dera quando se iniciara na carreira, que punha a cabeça para fóra dagua para respirar... Quando ella começou a dar as melhores **braçadas** nessa **corrida** que era todo seu ideal, William Powell della se approximou e lhe pediu que deixasse de **nadar**... Ella sabia que Bill tudo comprehendia e entendia a respeito de Cinema; e aprendera, nos Films, mais do que aprenderia em livros, a respeito da vida.

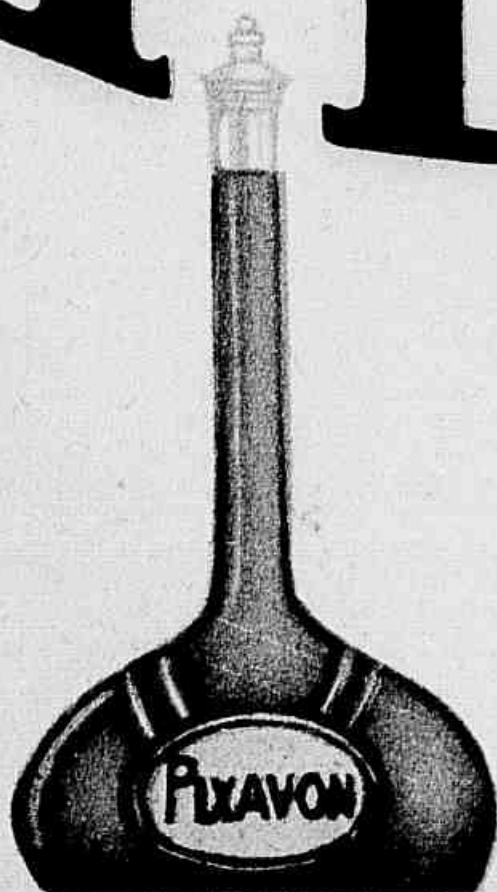
Um dia elles foram assistir a uma exhibição privada, juntos. Ella deixou o salão chorando. Elle lhe disse: — "Querida. Vocẽ não queria fazer esse Film, você detestava o seu director e tudo que a rodeava não lhe era sympathico. Isso está exposto no seu trabalho, meu bem. Não se soube você amoldar ás circumstancias e apenas por isso é que soffreu essa consequencia. Quando você não apreciar certas condições, meu bem, procure conseguir dellas o melhor, ainda que a contrariem! Você precisa aprender a dominar o seu intimo, de tal maneira, que o seu exterior não venha a trahir o que se passa na sua alma".

Carole comprehendeu, naquelle momento, que o amor daquelle homem, para ella, era um perfeito auxilio Valia por longos annos de experiencia.

Além disso ambos eram estudiosos de numerologia e haviam visto, ha tempos, que os numeros que o haviam ligado á sua primeira esposa eram errados e por isso não havia dado certo o seu matrimonio. Era como misturar agua a oleo. Os numeros diziam que a primeira esposa de Bill era dessas criaturas que jamais devem se casar.

As vibrações de Carole para Bill, no emtanto, eram perfeitas e as mais rythmadas possiveis.

Já que os numeros queriam e os corações de ambos batiam tão unisonos, resolveram casar-se. Fizeram-no e sentem-se muito felizes com isso. Além de Bill mudado, temos uma Carole apaixonada, o que é admiravel sem duvida.

MARTHA SLEEPER
CINEARTE

PIXAVON
PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.